

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**TRAJETÓRIAS, SABERES E EXPERIÊNCIAS NO CONTEXTO DA
FORMAÇÃO DOS TÉCNICOS AGRÍCOLAS DO INSTITUTO
FEDERAL DO AMAZONAS – CAMPUS MANAUS ZONA LESTE**

JÔNATAS TAVARES DA COSTA

2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**TRAJETÓRIAS, SABERES E EXPERIÊNCIAS NO CONTEXTO DA
FORMAÇÃO DOS TÉCNICOS AGRÍCOLAS DO INSTITUTO
FEDERAL DO AMAZONAS – CAMPUS MANAUS ZONA LESTE**

JÔNATAS TAVARES DA COSTA

Sob a Orientação da Professora

Dra. Rosa Cristina Monteiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de concentração em Educação Agrícola.

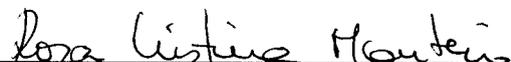
Seropédica, RJ
Janeiro de 2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

JÔNATAS TAVARES DA COSTA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30 de março de 2010.



Rosa Cristina Monteiro, Dra. UFRRJ



Sílvia Maria Melo Gonçalves, Dra. UFRRJ



Ivone Adelina de Oliveira, Dra. IF Sudeste MG - Campus Barbacena

A

Minha família, que comigo trilhou cada momento deste mestrado, incentivando, compreendendo e vibrando a cada etapa vencida.

Minha esposa Silvia e meu filho Jonathan que souberam enfrentar os momentos de minha ausência durante as viagens.

Meus preciosos colegas de curso que sonharam comigo os mesmos sonhos, sofreram também as mesmas dificuldades e colocaram este mestrado entre os momentos mais valiosos de nossas vidas.

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus toda honra e toda glória por tantos benefícios concedidos ao longo de nossas vidas e de modo especial no decorrer deste Mestrado;

A minha orientadora, prof. Rosa Cristina Monteiro, que de modo singular mostrou os caminhos a trilhar, as palavras a usar e ofereceu o incentivo necessário para eu prosseguir;

Ao PPGEA enquanto instituição. Especialmente às pessoas que tornam aquele lugar em um lugar que vai além do propósito acadêmico, o tornam num lugar onde habita o carisma, a solidariedade e a amizade;

A Gabriel, Sandra, Nilson, Marize, Paulinho e toda a equipe. Obrigado pelo esforço em nos receber tão bem;

Às Escolas de Urutaí e de Vitória de Santo Antão que tão bem nos acolheram durante as semanas de formação;

Ao Campus Manaus Zona Leste, pela possibilidade e apoio para a concretização deste propósito;

Ao meu colega Expedito, que foi meu “orientador” durante o estágio pedagógico em São Luis/MA;

Aos alunos do Campus Manaus Zona Leste, que são minha inspiração na realização deste trabalho.

RESUMO

COSTA, Jônatas Tavares da. **Trajetórias, Saberes e Experiências no Contexto da Formação dos Técnicos Agrícolas do Instituto Federal do Amazonas – Campus Manaus Zona Leste**. Seropédica: UFRRJ, 2010. 58p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ. 2010.

Este estudo tem como propósito verificar de que modo o Campus Manaus Zona Leste do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas trata dos saberes regionais, das vivências e dos conhecimentos que seus alunos trazem ao chegar à Escola, especificamente os alunos oriundos dos municípios do interior do Estado do Amazonas. Nesse propósito procurou-se conhecer sobre a instituição de ensino, sua história e sua dinâmica de funcionamento, bem como saber sobre a realidade do interior do Amazonas, seus hábitos e sua cultura. Para isso, foi aplicado um questionário junto a 18 alunos, representantes de 18 pólos regionais do Amazonas. Esses alunos participaram também de entrevistas em grupo, com o intuito de aprofundar as questões levantadas no questionário. Utilizou-se também de um questionário que foi respondido por 08 docentes. A pesquisa foi complementada com a análise de documentos da Escola, como diários de classe, calendários escolares e conteúdo programático das disciplinas. Aplicados os instrumentos de pesquisa, verificou-se que o Campus Manaus Zona Leste não desenvolve atividades que estimulem o uso dos saberes e das experiências de seus alunos, entretanto, encontra-se na Escola professores que fazem uso desta prática como forma de ensino, aproveitando dos conhecimentos trazidos pelos estudantes para melhor desenvolver as atividades em sala de aula.

Palavras-chave: Saberes Regionais. Educação Agrícola. Cultura Amazônica. Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

COSTA, Jônatas Tavares da. **Trajectories, Knowledges and Experiences in the Context of the Formation of Agriculture Technicians of Amazonas Federal Institute – Manaus East Zone Campus**. Seropédica: UFRRJ, 2010. 58p. Thesis (Master`s Degree in Agriculture Education). Agronomics Institute, Rio de Janeiro Rural Federal University, RJ. 2010.

This survey aims to verify the methodology applied by Manaus East Zone Campus of Amazonas Technology, Science and Education Institute to address regional knowledges, experiences and perceptions that its students come up with when starting at school, more specifically the ones native of cities in the countryside of Amazonas State. With this objective it was part of the survey to know more about the educational institution, its history and operational dynamics, as well as the reality of the rural areas of Amazonas, its habits and its culture. To reach this goal a questionnaire was applied to 18 students, representing 18 regional poles in Amazonas. These students also took part in group interviews, aiming to deepen topics from the questionnaire. It was also applied a questionnaire to 8 instructors. The research was complemented with school documents analysis, such as classes reports, school calendars, and the subjects syllabus. After the research instruments were administered, it was observed that Manaus East Zone Campus does not develop activities that exhort the use of knowledges and experiences of its students, although some teachers at the school utilize these practices as a teaching methodology, applying the knowledges students bring to enhance classroom activities.

Keywords: Regional Knowledges, Agriculture Education, Amazon Culture, Teaching-Learning.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01 - Vista Aérea Fechada do Campus Manaus Zona Leste	4
Figura 02 - Vista Aérea Aberta do Campus Manaus Zona Leste	5
Figura 03 – Organização do Estado do Amazonas em Pólos.	22

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Organização dos Municípios do Amazonas em Pólos.	22
Quadro 02 – Alunos que participavam no sustento familiar	26
Quadro 03 – Resposta a questão 13 do questionário aplicado aos alunos.	30
Quadro 04 – Disciplinas Ministradas/Professor	33
Quadro 05 – Respostas a questão 08 do questionário aplicado aos professores	37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Principais atividades geradoras de renda nos municípios pesquisados.....	26
Gráfico 02 – Qual a Atividade Profissional dos Pais e Irmãos dos Alunos Pesquisados.....	26
Gráfico 03 - Atividades em que os alunos pesquisados têm habilidades e/ou conhecimentos.	27
Gráfico 04 – Alunos que vieram para a escola a fim de aperfeiçoar suas habilidades e conhecimentos	27
Gráfico 05 – Em algum momento do curso a escola acolheu as experiências e habilidades dos alunos?.....	28
Gráfico 06 – Professores que aproveitam dos conhecimentos e experiências dos alunos nas suas aulas.....	28
Gráfico 07 – Em algum momento a escola aproveitou das habilidades culturais dos alunos, seja nas aulas ou em programas especiais?	29
Gráfico 08 – Professores que aproveitam dos conhecimentos, habilidades e talentos dos alunos, tais como dança, pintura, artesanato, música, etc.....	29
Gráfico 09 – Principais valores que a escola desperta nos alunos do campus zona leste.....	31
Gráfico 10 – A escola contribui para a formação de vícios ou comportamentos inadequados dos alunos?.....	31
Gráfico 11 – As aptidões práticas mais notadas nos alunos do interior do estado.....	35
Gráfico 12 – O professor observa aptidões artísticas nos alunos do interior do estado?.....	36
Gráfico 13 – O campus zona leste valoriza os saberes trazidos pelos alunos do interior do estado?.....	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. O CAMPUS MANAUS ZONA LESTE ATRAVÉS DOS PROCESSOS DE REFORMA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL BRASILEIRA	3
2.1. O Campus Manaus Zona Leste Leste: Sua História e Seu Papel no Amazonas.....	3
2.2. O Campus Manaus Zona Leste e as Transformações do Ensino Profissionalizante no Brasil: Decretos 2.208/1997 e 5.154/2004.....	6
3. A VALORIZAÇÃO DOS SABERES REGIONAIS NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS PARA O ESTADO DO AMAZONAS 9	
3.1. Trabalho e Economia	9
3.2. Identidade Amazônica	11
3.3. Educação e Cultura	13
4. PERSPECTIVA TEÓRICA	17
5. ASPECTOS METODOLÓGICOS	21
5.1. Os Sujeitos da Pesquisa	21
5.2. Os Instrumentos da Pesquisa	23
5.2.1. Questionário para discentes	23
5.2.2. Questionário para docentes	23
5.2.3. Entrevista em grupo	23
5.2.4. Pesquisa documental e bibliográfica	23
6. ANÁLISE DE DADOS: COMPREENDENDO A REALIDADE	25
6.1. Dados Obtidos com o Questionário Respondido pelos Professores	32
6.2. Dados obtidos pela Análise de Documentos Institucionais	38
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
9. ANEXOS	46

1. INTRODUÇÃO

A extensão do território brasileiro expressa na diversidade cultural, uma das características mais marcantes de seu povo e deixar de observar esse aspecto em qualquer proposta social, política, econômica ou educacional significa encarar o fracasso, mesmo que tenhamos as melhores intenções. Destaque em diversidade, a região amazônica é conhecida mundialmente pela variedade de seu ecossistema; entretanto, inserido nessa complexa diversidade, encontramos o homem amazônida¹, um ser diverso por natureza. Clima, etnia, vegetação, espaço físico e muitos outros fatores contribuem para que esse homem, que tem na selva seu habitat, seja um sujeito único, um indivíduo distinto dos outros homens das outras regiões do país.

Mas esse homem também entra em contato com o progresso e com a tecnologia e projeta em sua descendência a esperança de viver esse novo momento. Seus filhos também são homens da Amazônia, homens que vão à busca do novo conhecimento, muitas das vezes enxergando esse novo como certo e desprezando todo conhecimento, história, cultura, habilidades e conquistas herdadas de seus antepassados e adquiridos pelo seu contato com o meio em que até então viveu.

Nesse momento, a educação vai estabelecer as bases de uma nova vida, os alicerces para uma nova forma de ver o mundo. E é nesse instante que a Escola vai se tornar significativa, podendo inclusive determinar se esse jovem vai encarar o novo mundo desprezando toda sua história e cultura, ou incentivando o jovem estudante a valorizar e a trazer na sua bagagem todo o conhecimento e habilidades herdados de seus ancestrais.

Partindo deste questionamento, a pesquisa que realizamos tem como propósito conhecer que alicerces a Escola de formação profissional agrícola no Estado do Amazonas está desenvolvendo nos estudantes da região, especificamente o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Zona Leste, anteriormente denominado de Escola Agrotécnica Federal de Manaus. Trata-se de saber se a escola, através de suas práticas, do que expressa seu projeto político-pedagógico e no resultado de sua atuação, permite a assimilação do conhecimento regional ao final da formação do estudante.

Com base no exposto, a presente proposta de estudo propõe-se a investigar a seguinte questão: **as ações educativas promovidas pelo IFAM Zona Leste na formação dos técnicos agrícolas contemplam os valores e a cultura local, expressas pela trajetória histórica, pelos saberes e pelas experiências acumuladas pelos educandos?** De outra forma, pode-se dizer que o estudo tem por escopo identificar se os pressupostos contidos no projeto político-pedagógico do IFAM Zona Leste, bem como aqueles expressos nos demais documentos balizadores de sua prática educativa, consideram, valorizam e exercitam a complexa teia de relações envolvendo a diversidade étnica, sócio-cultural, econômica, política e ambiental que caracteriza o ambiente amazônico.

Desse modo, temos o objetivo de descrever os fundamentos que embasam a prática educativa do IFAM Zona Leste no processo de formação dos técnicos agrícolas, bem como examinar a existência de omissão, compatibilidade ou dissonância entre os pressupostos contidos em seus planos pedagógicos.

Procuramos também observar se existe a valorização e o emprego dos saberes e experiências acumuladas pelos estudantes oriundos do ambiente amazônico nas práticas

¹ Amazônida: designação local ao homem da Amazônia, ao caboclo que conhece a cultura e as tradições locais.

acadêmicas da Escola, na intenção de identificar nas atividades pedagógicas desenvolvidas pelo IFAM Zona Leste, se as mesmas contemplam aspectos dos saberes das populações tradicionais do Amazonas.

De modo conciso, definimos que esta pesquisa possui os seguintes objetivos: a) Analisar a valorização de habilidades práticas e saberes relacionados a agricultura familiar trazidos pelos alunos do Campus Zona Leste; b) Analisar a valorização de aspectos das práticas culturais regionais; c) Analisar possíveis mudanças comportamentais geradas a partir da interação dos alunos do interior com o ambiente do Campus.

Com esse propósito, a presente dissertação constará de uma apresentação do Lócus de estudo, ou seja, mostraremos a história e a importância do Campus Zona Leste do IFAM na formação de técnicos agrícolas para a região. Será apresentado também um recorte sobre o Amazonas e seu povo, os hábitos, as práticas e a cultura do jovem estudante dessa região. O texto será composto ainda de uma fundamentação teórica, a partir de revisão literária de autores que abordem os temas que a pesquisa abrange. Por fim, detalharemos como foi realizada a pesquisa, os procedimentos adotados, os resultados obtidos com a consequente análise dos mesmos, complementados por uma discussão sobre as conclusões resultantes da pesquisa.

2. O CAMPUS MANAUS ZONA LESTE ATRAVÉS DOS PROCESSOS DE REFORMA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL BRASILEIRA

O Campus Zona Leste do IFAM, anteriormente chamado de Escola Agrotécnica Federal de Manaus - EAFM, instituição que por décadas promove a formação técnica agropecuária de jovens do estado do Amazonas e região norte, oferece anualmente a oportunidade de qualificação técnica para estudantes de todo o Estado.

Realizando um processo seletivo que vai até os municípios mais distantes, o Campus oferece aos alunos do interior do Estado, alojamento, alimentação e assistência geral aqueles que, deixando sua cidade e sua parentela, deslocam-se para a capital em busca de formação profissional.

Atendendo a estudantes de aproximadamente 60 municípios, que por via fluvial podem demorar até 22 dias para chegar a Manaus, o Campus Zona Leste recebe em suas salas de aula uma vasta diversidade cultural de jovens e adolescentes do interior do Estado que, em contato com a realidade de uma metrópole, que é Manaus, colocam em questão todos os paradigmas sociais, psicológicos e étnicos a que estavam vinculados até sua chegada na nova Escola. Recebendo indígenas, caboclos e jovens da capital, a antiga Escola Agrotécnica Federal de Manaus pode ser comparada a um laboratório humano, onde se processa uma ampla diversidade cultural, social e psicológica.

2.1. O Campus Manaus Zona Leste Leste : Sua História e Seu Papel no Amazonas

Denominado inicialmente como Aprendizado Agrícola Rio Branco com sede na Capital do Estado do Acre, a escola foi criada pelo Decreto-Lei nº. 2.225 de maio de 1940. Suas atividades tiveram início em 19 de abril de 1941, coincidentemente data comemorativa ao dia do índio, figura característica da região. Transferiu-se posteriormente para Manaus, a partir do Decreto Lei nº. 9.758, de 05 de setembro 1946, sendo elevada à categoria de Escola, passando a denominar-se então Escola de Iniciação Agrícola do Amazonas, que posteriormente passou a ser chamado Ginásio Agrícola do Amazonas. (EAFM, 2007).

Em 12 de maio de 1972, foi mais uma vez modificada, adquirindo o status de Colégio Agrícola do Amazonas, pelo Decreto nº 70.513, ano em que se transferiu para o atual endereço, sito numa região que, na ocasião, era tida como zona rural de Manaus. Em 04 de setembro de 1979, através do Decreto nº. 83.935, recebeu a denominação de Escola Agrotécnica Federal de Manaus. Transformou-se em autarquia educacional de regime pela Lei nº. 8.731 de 16 de novembro de 1993, sendo vinculada ao Ministério da Educação e do Desporto através da Secretaria de Educação Média e Tecnológica, nos termos do art. 2º do anexo I do Decreto nº. 2.147 de 14 de fevereiro de 1997. (EAFM, 2007).

Por meio da Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008, a Escola Agrotécnica Federal de Manaus, juntamente com o CEFET/AM e a Escola Agrotécnica de São Gabriel da Cachoeira passaram a compor o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, passando a denominar-se então Campus Manaus Zona Leste.

Hoje, o Campus Zona Leste do IFAM atende a aproximadamente 900 alunos que frequentam os cursos de nível médio-técnico em agropecuária e pós-médio em Secretariado, Produção Aquícola e Pesqueira, Manejo Florestal e Agropecuária. O ensino desenvolvido por esta instituição intenta prioritariamente na formação de pequenos e médios produtores rurais da região, alcançando os 62 municípios do Estado do Amazonas.



Figura 01 - Vista Aérea Fechada do Campus Manaus Zona Leste

Fonte: Google Earth/2009

Além dos novecentos alunos dos cursos técnicos, a EAFM mantém convênio com a Secretaria Estadual de Educação, onde são atendidos quatrocentos estudantes dos bairros vizinhos da escola, ofertando o Ensino Fundamental e Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos no período noturno. A Escola possui também um convênio com a prefeitura do Município de Boa Vista do Ramos/AM, localizada na região do baixo Rio Amazonas, onde mantêm na zona rural daquele município, duas turmas, sendo uma de ensino fundamental e outra de ensino médio utilizando a metodologia da Pedagogia da Alternância.

Segundo o que consta em seu Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI (EAFM, 2007), o Campus Zona Leste possui uma área de 164 (cento e sessenta e quatro) hectares e está localizada na Zona Leste da Capital Amazonense, em uma região onde ocorre um dos mais acelerados processos de urbanização. Segundo estimativas da Prefeitura Municipal de Manaus, esta região possui aproximadamente 500.000 (quinhentos mil) habitantes.

Dividindo seu papel com o Campus de São Gabriel da Cachoeira, o IFAM Zona Leste exerce importante papel na formação de técnicos agrícolas para o Estado do Amazonas. De suas salas de aula já saíram diversos líderes comunitários, empresários, parlamentares, prefeitos e representantes do Amazonas no Senado Federal. Mas, sua primordial tarefa é a de oportunizar aos jovens do interior do Estado a chance de uma formação técnica que lhes permita a sobrevivência em meio ao mundo de incertezas que é a vida no interior do Amazonas.

Anualmente, cerca de 2000 jovens realizam inscrição para o processo seletivo que garante lugar nas cadeiras da Escola, que tem capacidade para atender a apenas 20% dessa demanda.

Para atender aos alunos do interior do Estado a Escola oferece internato para 100 alunos do sexo masculino e traz para o seu entorno uma enorme quantidade de jovens que vem se alojar junto a parentes ou em repúblicas localizadas num bairro que há muito tempo deixou de ser parte da zona rural de Manaus, oferecendo riscos nos aspectos da segurança, alimentação e higiene básica a estes.

Conforme constatado nas crônicas do cotidiano escolar, por nós ouvidas ao longo de uma experiência institucional que já transcorrem quatro anos na função de psicólogo, o Campus Zona Leste carregava até período recente a identidade de uma instituição de caráter correccional, onde os pais traziam seus filhos *problemáticos* para serem *corrigidos* pela Escola. Essa característica era reforçada pelo sistema de internato, ainda existente, e pela concepção de que o trabalho no campo era mais uma punição do que um aprendizado. Há relatos, inclusive com registro nos meios de comunicação local, de situações em que o aluno

indisciplinado era obrigado a pagar punições por seus atos, tais como arrancar toco de árvore e outras atividades de questionada função educativa.

Essa cruel identidade já não é tão presente, mas ainda está viva na mente de alguns. Não faz muito tempo, fui procurado por uma senhora que procurava saber como deveria proceder para *internar* sua filha na Escola, pois a mesma estava dando muito trabalho em casa e precisava de uma instituição que *desse jeito* na menor. Esse fato permitiu que tivéssemos noção do significado que a Escola tinha para a sociedade local, principalmente em épocas de repressão.



Figura 02 - Vista Aérea Aberta do Campus Manaus Zona Leste

Fonte: Google Earth/2009

Hoje, com 68 anos de idade, o Campus Zona Leste é referência na mente de muitos pais e jovens estudantes do interior do Amazonas e também da capital. Passando nos dias atuais por uma frenética metamorfose, a Escola procura se desvincular do caráter de uma instituição de aspecto correccional para ser vista como um espaço de formação de cidadãos e profissionais aptos a enfrentar os desafios que o Amazonas apresenta. Entretanto, novos desafios se consolidam. Entre eles o fato de a Escola estar agora localizada numa zona urbana de Manaus, fator que envolve a Instituição em problemáticas como a criminalidade, vícios, prostituição, etc. Existe ainda o fato de que muitos dos estudantes que chegam a Manaus encantam-se com a vida urbana e se esquecem de seus propósitos iniciais. Deixam suas famílias e investem numa condição de subvida na periferia de Manaus, abandonando seus sonhos e a esperança de uma nova vida para sua família que ficou no interior.

Muitos desses jovens desprezam por completo o aprendizado agrícola recebido. Em Manaus, aderem à atividade informal ou buscam lugar como operários nas empresas do distrito industrial, atividade totalmente desvinculada de sua formação técnica. Outros jovens, especialmente os da capital, procuram a Escola pela referência no ensino público de qualidade, o que lhes permitirá maiores chances num processo de acesso à Universidade pública.

De outro modo, em visita a alguns municípios do interior do Estado, ouvimos relatos de que há muitos dos alunos egressos atuantes em seus municípios. Grande parte deles envolvidos em programas de fomentação da atividade agrícola local ou atuando como agentes de capacitação da mão-de-obra. Constatamos nessas cidades que as prefeituras, as representações do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas - IDAM em cada cidade, contam com a destacada presença e atuação de ex-alunos da escola.

2.2. O Campus Manaus Zona Leste e as Transformações do Ensino Profissionalizante no Brasil: Decretos 2.208/1997 e 5.154/2004

Em 17 de abril de 1997, o então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, juntamente com seu Ministro da Educação Paulo Renato Souza, publicaram o Decreto 2.208 com o propósito de fundamentar, normatizar e regulamentar o capítulo III da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9394/96 que trata da educação profissional.

Considerando o momento político e econômico que viveu o Brasil em meados dos anos 90, caracterizado pelo fortalecimento do neoliberalismo no governo de Fernando Henrique Cardoso, em que o país assumia um modelo de gestão que restringia a intervenção estatal, tendo como ponto marcante as privatizações das grandes companhias nacionais, a reformulação da LDB e mais precisamente o Decreto 2.208/97 tem dentre os seus propósitos o de ativar um aspecto produtivista na educação profissional no Brasil, conforme citam Maués, Gomes e Mendonça ao afirmar que:

Enfim, essas modificações na educação profissional, no final dos anos 90, constituem ajuste econômico e ideológico, visando, de um lado, a redução de custos e restabelecimento do caráter produtivista de educação e, de outro, a contenção de possíveis tensões sociais num período crítico do capitalismo brasileiro, em que se estabelece o neoliberalismo com sua exaltação à competitividade esgarçada pelo individualismo, abandonando-se o modelo nacional desenvolvimentista no qual o Estado enfatiza as políticas sociais. (MAUÉS; GOMES; MENDONÇA, 2008, p.111).

O Decreto é claro em seus propósitos ao afirmar de modo objetivo no artigo 1º que “a educação profissional tem por objetivos: I – promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e *específicas para o exercício de atividades produtivas*” (BRASIL, Decreto 2.208 de 17 de abril de 1997, art. 1º, grifo nosso). Nesse sentido, a educação profissional brasileira assumia um aspecto objetivo, restrito e limitador na formação dos alunos das escolas de formação profissional, pois, ao “des-integrar” a formação técnica da formação geral, o governo fragmentava a formação de seus jovens, concebendo-os apenas como peças da engrenagem denominada desenvolvimento, desprezando-os enquanto indivíduos plenos.

Consolida-se então o ideal de formação profissional para o trabalhador, conformando-o ao papel de produtor de atividades específicas, cabendo às escolas de formação profissional o papel de ensinar, treinar, adestrar, formar ou educar na função de produção adequada a um determinado projeto de desenvolvimento pensado pelas classes dirigentes, conforme citam Frigotto, Ciavatta e Ramos [200-].

Na então denominada Escola Agrotécnica Federal de Manaus, o Decreto 2.208/97 trouxe significativas transformações. As mudanças não foram motivadas pela reformulação das idéias ou pela genialidade do Decreto. A adequação ao novo modelo curricular teve motivação financeira, pois, segundo Alves

A Escola Agrotécnica Federal de Manaus foi juntamente com mais seis escolas, escolhida como escola piloto para a implantação da reforma curricular, representando as demais escolas da região norte no grupo das sete (G-7). Devido esta participação e de olho nas promessas de investimentos de recursos financeiros para estas sete escolas, a reforma foi implantada na EAFM de forma a não possibilitar em dar tempo para que a comunidade (alunos, servidores e setor produtivo) discutisse e entendesse a filosofia da reforma objetivando encontrar uma forma de implantar uma reforma que

realmente atendesse e se adequasse as reais necessidades da escola e da região onde ela está inserida (ALVES, 2008, p.14).

Sendo recebida a partir de uma motivação financeira, a reforma do ensino profissionalizante pretendida pelo Decreto 2208/97 encontrou na EAF Manaus um grande interessado. No entanto, segundo Alves, o interesse da direção da Escola na época estava focado nos recursos que entrariam na instituição a partir da reformulação; deixando de lado a consulta à comunidade, a discussão do tema com professores, alunos e parceiros, o que levou inevitavelmente a desconsideração das reais necessidades educacionais da localidade.

Chegada a reforma, as alterações nos currículos foram sentidas. Efetivamente houve uma reordenação na grade curricular (Anexos A e B), compreendendo sua organização e o número de horas/aula por disciplina. Na grade curricular de 1995, a habilitação do Técnico em Agropecuária consistia em 1560 horas/aula da educação geral e 2310 horas/aula para a formação especial, perfazendo um total de 3870 horas/aula para os 03 anos de curso. Com a reforma houve uma divisão no curso que deixou de ser integrado, conforme trata o artigo 5º dizendo que “A educação profissional de nível técnico terá organização curricular própria e independente do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou seqüencial a este” (BRASIL, Decreto 2.208 de 17 de abril de 1997, art. 5º). Desse modo, ao final da formação o aluno poderia sair da Escola com dois diplomas, o primeiro do ensino médio e um segundo que lhe certificava como técnico em agropecuária. Outra importante mudança promovida pelo Decreto 2.208/97 na EAF Manaus foi o que denominamos de especialização da formação técnica, cujos efeitos Alves descreve da seguinte forma:

Outra medida de impacto foi a subdivisão do curso Técnico em Agropecuária em quatro habilitações profissionais que, ao final se transformaram em quatro cursos: Agricultura, Zootecnia, Agroindústria e Recursos Pesqueiros. Antes do decreto 2.208/97, a EAFM ministrava o curso "generalizado" e abrangente que era o curso Técnico em Agropecuária. Após a reforma, este curso foi desmembrado nas quatro habilitações onde o estudante era certificado em uma delas, ou seja, saímos de uma formação mais generalista e abrangente e passamos a formar profissionais mais especializados em uma das quatro habilitações criadas. (ALVES, 2008, p.16).

Pelo modo como foi posto, o Decreto 2.208/97 foi contestado desde o princípio. Sua publicação “mobilizou diversas entidades científicas como a ANDES, ANPED, ANFOPE e Sindicais, tais como FASUBRA, CUT E SINASEFE em torno da revogação do mencionado Decreto” (MAUÉS; GOMES; MENDONÇA, 2008, p.112). O acolhimento do Decreto na EAF Manaus também não foi feito pelos melhores propósitos. A falta de discussão junto à comunidade de alunos e professores e a inobservância das características regionais que caracterizam sua clientela e suas práticas educativas são falhas que efetivamente tornaram o ensino profissionalizante da EAF Manaus desfocado das necessidades locais. Desse modo, a reforma apresentada em pouco atendeu aos reais anseios e necessidades de formação técnica em agropecuária para o Estado do Amazonas.

A revogação do Decreto 2.208/97 esteve na pauta de campanha para presidente da república de Luis Inácio Lula da Silva. Seu compromisso assumido tornou-se realidade com a publicação do Decreto 5.154/2004. Mas, os problemas do ensino profissionalizante foram sanados com este Decreto? Não é o que dizem Maués, Gomes e Mendonça, pois afirmam que

Apesar dos esforços para essa revogação, no novo Decreto foram mantidos aspectos anteriormente criticados, como as saídas intermediárias; a definição de perfis profissionais por áreas profissionais; e a gestão tripartite. De

qualquer maneira, há avanços expressos nos cursos de qualificação, permitindo a elevação da escolaridade. (MAUÉS; GOMES; MENDONÇA, 2008, p.112).

O importante a se destacar deste novo Decreto é que ainda mantém o caráter de educação produtivista observado no Decreto anterior, procurando atender à demanda social que requer mão-de-obra específica e especializada, colocando em segundo plano a formação geral do indivíduo enquanto ser integral. Positivamente destaca-se a reorganização do ensino médio e técnico como ensinos integrados. Dessa forma, o Decreto prevê que o aluno dos cursos técnicos profissionalizantes, historicamente jovens de camadas pobres e desfavorecidas da sociedade, tenham uma formação que contemple os aspectos técnicos, históricos e culturais, possibilitando-o avançar na busca de novos objetivos educacionais, atendendo ao que diz o artigo 3º:

Os cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores, referidos no inciso I do art. 1o, incluídos a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização, em todos os níveis de escolaridade, poderão ser ofertados segundo itinerários formativos, *objetivando o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social*. (BRASIL, Decreto 5.154 de 23 de julho de 2004, art. 3º, grifo nosso).

Notamos efetivamente que o Decreto 5.154/2004 veio a corrigir o equívoco trazido pelo Decreto que o antecedeu, e diante de uma nova legislação, a EAF Manaus procurou se adequar ao novo Decreto. Mesmo que não disponha ainda de um Projeto Político Pedagógico aprovado por sua comunidade, a Escola define no seu Plano de Desenvolvimento Institucional sua Missão que é:

Contribuir para a formação de cidadãos críticos e profissionais, aptos a construir e compartilharem o conhecimento, tornando-os capazes de interagirem nos arranjos produtivos do setor primário e de serviços, atuando como agentes de desenvolvimento sustentável na Amazônia. (EAFM, 2008, p. 03).

3. A VALORIZAÇÃO DOS SABERES REGIONAIS NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS PARA O ESTADO DO AMAZONAS

Com uma área de 1.570.745,680 km², o Amazonas é o Estado com a maior extensão territorial do país, possuindo inclusive uma área pouco menor que todo o Nordeste brasileiro com seus nove estados. Tendo na floresta amazônica seu maior ícone de identificação mundial, esse Estado é valorizado pelo verde de sua vegetação que é predominante, pelos imensos rios Negro, Amazonas, Madeira, Juruá e Solimões que, dentre outros permeiam e penetram a selva, e é através deles que se pode descobrir e entrar em contato com a magnífica diversidade da flora e da fauna dessa região. Nesse vasto mundo verde também está presente o homem, o homem da Amazônia, o caboclo do Amazonas.

Com uma densidade populacional estimada em 2,05 hab./Km² (Fonte: IBGE/2008), esse Estado possui 20,16% de sua população na faixa etária de 15 a 24 anos (Fonte: PNAD/IBGE/2007), ou seja, em idade de formação profissional.

É a respeito da educação dos jovens do Amazonas e suas idiossincrasias que trataremos a seguir, relatando peculiaridades do homem da região, nos aspectos da sua história, seu trabalho e sua formação profissional.

3.1. Trabalho e Economia

Foi a partir do Governo de Getúlio Vargas que o país passou a prestar maior atenção à Amazônia, e em especial ao Estado do Amazonas. Essa atenção só foi despertada pelo desenvolvimento das atividades de extração da borracha dos seringais existentes na região, pois, possuindo grande atração internacional, a borracha extraída do Amazonas consolidou-se como importante cooperante da economia nacional. Tão importante que em 1951, por determinação do Presidente Getúlio Vargas o Congresso discutia sobre a destinação de verbas federais para a Amazônia, conforme relata Bomfim:

Discutia-se, então, no Congresso, a regulamentação do dispositivo constitucional que concedia 3% da renda tributária da União à Valorização da Amazônia. Tencionava o novo Presidente eleito, Dr. Getúlio Vargas, cujos compromissos com a região datavam do “Discurso do Rio Amazonas”, em 1940, esquematizar de imediato um plano de trabalho que pudesse ser posto em prática imediatamente, após a aprovação da lei que criaria a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia. (BOMFIM, 2008, p. 23).

No extrativismo da borracha e de outras espécies locais como a juta e a castanha do Pará, hoje chamada de castanha da Amazônia é que se estabelecia a economia do Amazonas no início do século passado. A densidade da floresta que dificulta o acesso e conseqüentemente o transporte de quaisquer matérias-primas contribuiu para que essa prática econômica tivesse vida curta, além da oferta da borracha pela Malásia a um preço bem mais baixo, o que selou o fim desse ciclo na Amazônia. Mas enquanto durou, a atividade extrativista, em especial a extração do látex das seringueiras possibilitou o crescimento e a abundância de muitos no Amazonas. A capital gozou de um período de grande desenvolvimento, sendo chamada por muitos como a *Paris dos trópicos*. Com o dinheiro da borracha (a libra esterlina era a moeda circulante em Manaus), foram construídas belas edificações, como o Teatro da Paz em Belém, e o Teatro Amazonas em Manaus. Conta a

tradição que os “barões da borracha”, como eram chamados os proprietários de seringais, mandavam suas roupas para ser lavadas em Paris e que acendiam o charuto queimando uma nota de 100 libras esterlinas, ostentando poder e fortuna. Mas por trás de toda essa riqueza estava o seringueiro, normalmente o nordestino que assolado pela seca, buscava na Amazônia uma alternativa de sobrevivência.

E o seringueiro sentiu na pele as dificuldades de penetrar na selva amazônica. A malária e a febre amarela consumiram muito das suas forças e de seu ânimo, mas a selva era o maior desafio. A imensidão, a distância e a dispersão de tudo e de todos, somado à falta de condições e de conhecimento do trabalho tornavam a atividade extrativista bastante penosa, conforme descreve Bomfim:

Observando o conjunto da região amazônica, dois fatos flagrantes impressionam: as distâncias e a dispersão humana. Os grupos humanos acham-se de fato perdidos dentro da vastidão territorial. Cruzeiro do Sul fica situado a mais ou menos 4.000 quilômetros de distância de Manaus, o mais próximo centro de distribuição. Rio Branco a 2.500 quilômetros, Porto Velho a 1.500 quilômetros, Boa Vista a 1.000 quilômetros, Tabatinga a 1.600 quilômetros. De outra parte, o homem, disperso dentro dessa imensa área, com uma densidade demográfica global de apenas um indivíduo por dois quilômetros quadrados, luta pela vida, desprovido de qualquer meio mecânico de auxílio para dominar a natureza. (BOMFIM, 2008, p.37).

Adentrar a mata era o grande desafio. Encarar um mundo desconhecido para fixar residência e a partir daí explorar os recursos lá dispostos, como o látex, a castanha e o açaí. Mas as terras encontradas já tinham seus donos, e deixar de observar esse detalhe traria sérias consequências, conforme relata Brito

O encontro entre os índios e os brancos, durante o descobrimento dos seringais e castanhais, deu-se entre tribos em estado de barbárie indomável e outras acessíveis a catequese. Estes encontros envolveram, quase sempre, lutas desiguais entre o rifle e a flecha, o terçado e a borduna (...) As lutas que se desenrolaram nos desertos verdes foram determinadas por invasões e posses de terra, especialmente pelas anexações dos castanhais através de erros nas demarcações onde as linhas cortavam posses, barracas e sepulturas indígenas, o que levaria, mais tarde, ao sacrifício da vida dos proprietários pelas flechadas à traição ou encontros sangrentos. Vingando o desrespeito às malocas, onde viviam seus ancestrais, combateram, mataram e incendiaram e, quando não tinham mais forças para enfrentar os inimigos em lutas desiguais, flecha contra bala de rifle, partiam para os centros e serras. (BRITO, 2001, p.59)

Com o fim do ciclo da borracha, as condições de sobrevivência do caboclo ficaram ainda mais comprometidas. Saber lidar com a terra era o novo desafio. Entretanto, a atividade agrícola no Amazonas nunca foi de grande destaque. Por falta de conhecimento, as lavouras não rendiam o que era esperado. Além do mais, os agricultores tinham mais interesse em cultivar produtos consolidados em outras regiões, desprezando o produto que a terra naturalmente oferecia. Por medo das cheias, o agricultor fixava-se na terra firme, dentro da mata, e ali procurava explorar a terra. Mas era nas margens que ficavam as terras boas para a atividade agrícola. Sem conhecimento, o agricultor despendia tempo e recursos, obtendo de seu trabalho um retorno mínimo.

Extraíndo da mata e dos rios o suficiente para sustentar sua família, o homem do Amazonas via na imensidão da selva, nas dificuldades de acesso e de transporte e na falta de

incentivo as razões para perder as expectativas de progresso e desenvolvimento profissional. E mesmo numa área tão vasta, apenas um centro de formação tentava dar conta da qualificação dos jovens do Amazonas.

Desde 1940 a Escola Agrotécnica Federal de Manaus foi a única instituição Federal a formar técnicos agrícolas para o Estado. Mais recentemente, criou-se outra escola no município de São Gabriel da Cachoeira.

Com a atividade extrativista desamparada e sem conhecimento técnico para o desenvolvimento de práticas agrícolas que lhes rendessem lucros significativos, restou ao homem do Amazonas migrar para os centros mais desenvolvidos em busca de melhores condições de vida. Seu destino naturalmente era Manaus. E não era apenas a falta de perspectiva que trazia o interiorano para a capital, somava-se a isto o fortalecimento da Zona Franca de Manaus, que recrutava mão-de-obra para as fábricas das empresas multinacionais que se instalavam na cidade.

Nos dias atuais a Zona Franca de Manaus mobiliza a economia local de modo bastante significativo. Manaus tem recebido os frutos desse modelo que traz desenvolvimento, mas que agrega a isto violência, criminalidade e desenvolvimento desordenado. No interior do estado o extrativismo de produtos regionais aliado a pesca dá o sustento a algumas localidades, além da descoberta de gás natural e petróleo que beneficiam ao município de Coari e adjacências. No entanto, o homem do interior do Amazonas convive com uma realidade em que a perspectiva de desenvolvimento é visto como um objetivo distante, pois convive com a falta de formação profissional, fomento financeiro e estrutura de acesso e transporte que viabilize a distribuição de sua produção.

3.2. Identidade Amazônica

Como quase tudo no Amazonas possui proporções grandiosas, o mesmo não poderia deixar de ocorrer quando tratamos de sua composição étnica. Apesar do predomínio de certos grupos, a extensão territorial do Estado possibilita uma forte miscigenação, formando assim um povo com características muito diversas. As misturas étnicas envolvem índios, europeus, nordestinos, japoneses, libaneses, sulistas, dentre outros que em contato com a floresta constituem o chamado Caboclo. Surgindo principalmente da mistura do branco com o índio, o caboclo, tipo étnico que predomina no Amazonas, tem uma vasta dimensão de significados, conforme descreve Brito (2001) citando o poeta amazonense Álvaro Maia que define o caboclo de três maneiras: O mestiço resultante do contato interétnico entre o branco e o índio. O índio aculturado ou civilizado que adota esta identidade em substituição à primitiva. E o homem nascido no interior, que assimilou aquela cultura – sua fala, seu modo de vida, seus hábitos e suas crenças.

Não podemos deixar de observar que, mesmo entre os índios existe uma diversidade de hábitos e características, fator que eles próprios fazem questão de evidenciar, pois as disputas históricas entre eles faz com que os mesmos não se incluam como membros de uma única etnia ou grupo cultural. Segundo a Fundação Estadual de Políticas Indígenas (FEPI), órgão vinculado à Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas, existe no Estado aproximadamente 120 mil indígenas, de 66 etnias, que falam 29 línguas, consistindo na maior população indígena do Brasil. Destacam-se entre elas as seguintes:²

² Portal Amazônia. Artigo Amazônia. Disponível em:

<http://portalamazonia.globo.com/artigo_amazonia_az.php?idAz=470>. Acesso em: 27 ago. 2009.

APURINÃ - Falam a língua apurinã, do tronco lingüístico aruak e habitam ao longo do rio Purus e seu afluentes.

BANIWA - Vivem na fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela, às margens do rio Içana e seus afluentes, além de comunidades no alto rio Negro/Guainía (nome do rio Negro fora do Brasil, acima da foz do rio Casiquiare) e nos centros urbanos de Santa Isabel, São Gabriel da Cachoeira e Barcelos.

BARÁ - Falam a língua tucano e são também chamados de waípinõmakã. Habitam principalmente as cabeceiras do rio Tiquié, acima do povoado de Trinidad (Colômbia); o alto Colorado e Lobo (afluentes do Pira-Paraná).

JAMAMADI - Grupo que se inclui entre os povos pouco conhecidos da região dos rios Juruá e Purus e que sobreviveram aos ciclos da borracha, em meados do século 19.

JARAWARA - Vivem na região do médio Purus e comercializam produtos que extraem da mata, como a castanha-do-Brasil, o látex, óleo de copaíba e sorva.

KAIXANA - Este grupo, que vive na região do alto rio Solimões, fala português e nheengatu, língua desenvolvida a partir do tupinambá.

KANAMARI - Outras denominações: tukuná e canamari. Também habitam a região do triângulo Jutá-Juruá-Solimões.

KORUBO - Vivem na região do vale do Javari e são conhecidos como "caceteiros" devido ao hábito de utilizarem uma borduna como arma de ataque.

KULINA PANO - Vivem em grupos familiares ao longo do Curuçá-Javari.

MARUBO - Maior etnia do vale do Javari.

MATSE - Também chamados de mayoruna, vivem em grandes malocas às margens dos igarapés Lobo e Quixito, no Parque Indígena do Javari, fronteira com o Peru.

MUNDURUKU - A maioria da população munduruku da bacia do Madeira habita a Terra Indígena Coatá-Laranjal, no município de Borba, no Amazonas. Parte deles, porém, vive fora dos territórios demarcados, ao longo da rodovia Transamazônica, nas proximidades de Humaitá.

MURA - Vivem no baixo e médio Madeira, de onde se espalharam no século 18 até São Paulo de Olivença, no Solimões; Oriximiná, no Trombetas; e a foz do Juary, no sul.

SATERÊ-MAWÉ - Concentram-se na região do baixo Amazonas, próximos às cidades de Maués, Barreirinha e Parintins, e às margens dos rios Marau e Andirá.

TIKUNA - Grupo étnico mais numeroso do Brasil, os tikunas ocupam 26 Terras Indígenas, habitando principalmente o alto Solimões, nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga, e se estendendo até o município de Manacapuru.

YANOMAMI - Vivem na região do alto e médio rio Negro, em terras brasileiras e venezuelanas.

YE'PÃMAHSA-TUKANO - Vivem na região noroeste do Amazonas, principalmente nos rios Tiquié, Papuru e Uaupés, e também no rio Negro, a jusante da foz do Uaupés, inclusive na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Imigrantes chegaram às mais diversas localidades do Amazonas, por variados motivos e em diferentes épocas. Exemplos dessa ocupação podem ser descritas pela chegada dos japoneses que com sucesso exploraram a extração de juta em Parintins e que mantém uma forte comunidade em Manaus. Os Nordestinos, que buscaram construir riquezas durante o ciclo da borracha e que após esse período instalaram-se em Manaus; vivendo em casas flutuantes, o que se tornou um símbolo da região. Os libaneses que exercem importante atividade comercial, principalmente na capital, dentre tantos outros.

Dessa multiplicidade de origens, eleva-se o caboclo amazonense. Trata-se de um homem com um jeito de ser tão peculiar e instigante que pode ser visto por muitos como matuto ou inocente. Como se pode ler na literatura já organizada a respeito do típico homem da Amazônia, citando Neide Gondim (2007) e Sócrates Bomfim (2008), ele se caracteriza, entre outras coisas, pela sua maneira quieta de agir, talvez em consequência da necessidade de contemplar para então tentar conhecer todo o universo verde que o acolhe. Seus hábitos e costumes mostram sua íntima relação com o meio em que vive, tal como saber, desde pequenino, a nadar com total liberdade nos rios com águas turvas e profundas; embrenhar-se na mata com total conhecimento de onde e pra onde ir; ter na canoa seu meio de transporte mais seguro e eficaz; conhecer as plantas e seus efeitos nutritivos e medicinais; ter no ciclo das enchentes e vazantes dos rios as oportunidades e dificuldades que as mesmas oferecem; conhecer os sons da floresta; saber que sua sobrevivência em maior grau está nas próprias mãos, pois o remédio, a ferramenta, a máquina ou qualquer outro utensílio necessário está a centenas de quilômetros de distância.

Não queremos com isto afirmar qualquer espécie de essencialidade do homem amazônico que o substancialize. Pelo contrário, reconhecemos que estes são traços formados nas práxis que os contingenciam. Diante dessas peculiaridades revelam-se inquietantes questões:

Que tipo de ensino convém nestas circunstâncias?

De que modo pode-se oferecer aos sujeitos desta cultura tão peculiar oportunidade de desenvolvimento que não o aculturem?

De que forma podemos, dentro da academia, acolher adequadamente os saberes dos quais esta cultura é portadora?

Estas e outras questões só obterão respostas adequadas a partir do convívio e da relação sem preconceitos, dentro desta cultura.

Diante disso, surgem novos questionamentos: As escolas de formação profissional consideram as peculiaridades da condição do sujeito amazonense na formação de seus currículos ou mesmo nas suas práticas pedagógicas? A academia preocupa-se em aprender com os saberes trazidos pelas vivências das pessoas desta cultura ou simplesmente impõe-lhes os métodos e práticas consolidados em outras realidades? São reflexões que devem ocupar a mente de todos que pensam em educação para os povos da Amazônia.

3.3. Educação e Cultura

Educar o jovem do Amazonas verdadeiramente é um grande desafio. As distâncias, a dificuldade de acesso e o esquecimento por parte das esferas públicas têm levado os estudantes do interior do Estado a perderem as expectativas profissionais no local onde estão situados. Como foi citado anteriormente, somente duas Escolas Federais de Formação Profissional Agrícola tentavam oferecer formação técnica agropecuária para o local.

Foi somente nos últimos 10 anos que o CEFET e a Universidade Federal do Amazonas criaram pólos em alguns municípios, oferecendo principalmente ensino à distância³. É recente também a criação da Universidade do Estado do Amazonas que tem construído ramificações pelo interior.

Foi a partir do Governo do Presidente Luis Inácio Lula da Silva que surgiu a iniciativa de se criar cinco novas Escolas Agrotécnicas no Interior do Estado, estando estas localizadas nos municípios de Lábrea, Parintins, Maués, Presidente Figueiredo e Tabatinga.

O principal desafio da educação do Amazonas está em oferecer ensino básico e educação profissional respeitando e valorizando as práticas, os saberes e as experiências locais. A região Amazônica possui uma caracterização climática, geográfica e cultural que precisa ser observada por aqueles que organizam os currículos e as formas de ensino para esta região. É necessário que quem educa, faça-o com a simplicidade e com desejo de quem aprende, pois no Amazonas, quem está se dispondo a ensinar deve ter a mente plenamente aberta para a possibilidade de aprender, considerando o aprendiz como ser pleno da capacidade de ensinar, observando para o que destaca Paulo Freire quando afirma que:

Na verdade, porém, bastaria que reconhecêssemos o homem como um ser de permanentes relações com o mundo, que ele transforma através de seu trabalho, para que o percebêssemos como um ser que conhece, ainda que este conhecimento se dê em níveis diferentes: da “doxa”, da magia e do “logos”, que é o verdadeiro saber. Apesar de tudo isto, porém, e talvez por isto mesmo, não há absolutização da ignorância nem absolutização do saber. Ninguém sabe tudo, assim como ninguém tudo ignora. O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. Se tivéssemos um saber absoluto, já não poderíamos continuar sabendo, pois que este seria um saber que não estaria sendo. Quem tudo soubesse já não poderia saber, pois não indagaria. O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber. E é por isso que todo saber novo se gera num saber que passou a ser velho, o qual, anteriormente, gerando-se num outro saber que também se tornara velho, se havia instalado como saber novo. (FREIRE, 1977, p.47).

Fazer educação no Amazonas exige de quem educa a observação clara da diversidade cultural existente, da caracterização geográfica, do clima e suas implicações políticas, sociais e econômicas existentes nesta localidade. O educador precisa ter o respeito pelas tradições e manifestações locais, buscando fazer a relação entre o conhecimento que trás na bagagem com as experiências e os saberes locais. Sobre este aspecto Libâneo afirma o seguinte:

O ato educativo é uma totalidade na qual afluem fatores (sociais, econômicos, psicológicos) que se constituem nas *condições* para o desenvolvimento individual. Condições biológicas, condições sociais, disponibilidades psicológicas são todas *mediações* entre o indivíduo e a sociedade, e que permitem ou dificultam à criança apropriar-se do

³ **EAD (ENSINO ABERTO A DISTÂNCIA):** A definição presente no Decreto número 2.494/1998, que regulamenta o Artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases (Lei número 9.394/1996), define EAD como “uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação”. Disponível em: http://br.geocities.com/noeliaalvessousa/Webfolio/glossario_ead.htm acesso em 12 de out. 2009.

patrimônio cultural, construindo-se pela sua própria atividade, como ser humano, vale dizer, como ser social. (LIBÂNEO, 1991, p.156)

A preocupação com a prática educativa é realmente muito importante, mas os conteúdos dispostos nos currículos que pretendem educar os jovens do Amazonas também necessitam ter esse olhar para a valorização dos saberes locais, entendendo o que diz Souza quando afirma que :

O ser humano produz conhecimento em espaços e tempos diversos, e a validade desses diferentes saberes não é passível de ser mensurada ou qualificada a partir de um único olhar que se pretenda universal. Entretanto, essa assertiva continua a encontrar resistências mesmo entre aqueles que defendem a valorização do outro no plano singular e coletivo. Parece-nos que permanece a dificuldade em valorizar o diferente e o conhecimento por ele produzido em ambientes não-acadêmicos ou, ainda, em sociedades diferenciadas da moderna e ocidental. Esse contexto predomina, entre outros aspectos, em decorrência de o modelo científico calcado na disjunção do real, na temporalidade linear, na causalidade, na identidade e na concepção cartesiana de sujeito, continuar a associar-se ao status quo dominante e a projetar-se como verdadeiro. (SOUZA, 2008, p.60).

Ainda é comum ouvirmos de pessoas de outras regiões comentários distorcidos sobre a Amazônia e sobre o Amazonas. No período de nossa graduação em São Paulo, percebemos que no imaginário de algumas pessoas o Amazonas é um lugar onde impera o primitivismo. Ouvimos comentários de alguns que viam a Amazônia como um lugar em que os índios estão por toda parte, andando pelas ruas vestidos com suas tangas e com o corpo pintado, e que existem onças e jacarés pelos quintais oferecendo risco à população, dentre outras crenças que, para quem é da região são absurdas de serem consideradas.

Nossa preocupação é que essa visão fértil e distorcida sobre a Amazônia possa criar uma problemática que venha a refletir na maneira de ver e tratar dos assuntos amazônicos na esfera nacional. Tememos que essa visão dominadora crie em quem pensa em desenvolvimento para a Amazônia e conseqüentemente em quem pense a educação para a Amazônia, a necessidade “salvadora” de tirar seu povo do primitivismo, de domesticar, de educar sob o ponto de vista de *invasão cultural* descrita por Paulo Freire.

Tememos que nessa intenção elaborem currículos e práticas educativas que desconsiderem por completo a realidade local e intencionem implantar os conhecimentos consolidados para as realidades do sul e sudeste do país, esquecendo da realidade local e não observando o que diz Souza sobre o processo de aprender:

[...] O processo de aprender demanda o contato do sujeito com novos conteúdos e, dessa forma, exige por parte do aprendiz a capacidade para ressignificar a si e ao mundo, na medida em que o processo de aprender novos conteúdos envolve um trabalho de reelaboração cognoscente e subjetiva. Esse trabalho demanda que o conteúdo seja apropriado e metabolizado pelo sujeito, independentemente do fato de que ele pode concordar ou não com os valores associados a esse material. Entretanto, esse trabalho, para ser realizado, exige que o sujeito seja constituído por uma subjetividade e uma cognoscência em condições de digerir o novo e elaborá-lo sem vivenciar essa experiência como uma ameaça à sua constituição subjetiva. (SOUZA, 2008, p.65).

Desejamos para o Amazonas, uma educação voltada para a realidade local, em que se valorize seu povo, sua cultura e sua história. Uma educação que considere o aprendiz como

um ser capaz também de ensinar, seja ele índio, caboclo ou branco. Não se deve pensar em educação para o Amazonas a partir de uma perspectiva sulista, pois as diferenças nos aspectos geográficos, étnicos, sociais e culturais são muito grandes. Há localidades no Amazonas em que o alimento do dia-dia é o peixe com a farinha de mandioca, o transporte é a canoa, a estrada é o rio, o animal de estimação é o macaco e a escola fica a cerca de três horas de remadas rio acima ou rio abaixo. Entretanto, uma reflexão é necessária: um aluno que vive nessas condições tem mais a ensinar ou mais a aprender? É necessário que nós enquanto educadores tenhamos a disposição de entrar em contato com o conhecimento a partir de relações de ensino-aprendizado, onde o papel de quem ensina e quem aprende esteja presente tanto em professores quanto nos alunos.

4. PERSPECTIVA TEÓRICA

Assim como descreve Fonseca (2002), entendemos que os sujeitos constroem seus saberes permanentemente, no decorrer de suas vidas e que esse processo depende e alimenta-se de modelos e espaços educativos. Entendemos que o saber é dinâmico, ativo e constrói-se no movimento entre os saberes trazidos do exterior e o conhecimento está intimamente ligado à experiência. Entendemos também que este mesmo saber é histórico, e não se dá deslocado da realidade sociocultural.

Entendendo a construção dos saberes a partir deste ponto de vista, construiremos uma perspectiva teórica sobre a formação profissional dos jovens estudantes do Amazonas a partir de dois aspectos significativos, que são:

Em primeiro lugar, o conhecimento da realidade amazônica, seu povo, sua cultura, sua diversidade ambiental e sua complexidade territorial.

E em segundo lugar, tomaremos por referência as obras que tratam de práticas didático-pedagógicas que podem se aplicar ao contexto amazônico, envolvendo desde o trabalho de Paulo Freire e toda sua contribuição para a educação brasileira, a temas como Transposição Didática que Perrenoud define como a essência do ensinar, ou seja, "a ação de fabricar artesanalmente os saberes, tornando-os ensináveis, exercitáveis e passíveis de avaliação no quadro de uma turma, de um ano, de um horário, de um sistema de comunicação e trabalho" (PERRENOUD, 1993, p. 25). Traremos ainda algumas relevantes considerações de Jean Piaget sobre educação.

Em "O Desafio Amazônico", Branco (2004) traz a informação de que a Amazônia já fora habitada por nativos que viviam perfeitamente adaptados às condições climáticas e de produtividade da região. Essa afirmação nos remete ao pensamento de que é possível viver e sobreviver em harmonia com a selva. A partir dessa afirmação entendemos que o estudante das Escolas Técnicas do Amazonas pode aprender de uma forma integrada ao seu meio, fazendo uso da técnica aprendida, respeitando sua identidade cabocla, suas raízes e seu ambiente. Nesse sentido, Branco afirma que:

Cada espécie viva se encontra perfeitamente adaptada às condições ambientais do lugar que vive. Isso significa encontrar-se exatamente ajustada às características físicas e biológicas do seu próprio ecossistema, de modo a formar um conjunto equilibrado dinamicamente. (BRANCO, 2004, p.85)

Na intenção de levar desenvolvimento ao interior do Brasil, corre-se o sério risco de levar junto com conhecimento e tecnologia, cultura e conceitos que nada tem em comum com os moradores da região Amazônica. Corre-se o risco de se iniciar um processo de aculturação condenável, pois essa troca de culturas acaba se dando de forma unilateral, ou seja, acabando por impor-lhes uma cultura que julgamos ser mais conveniente.

Apesar de todo avanço tecnológico, de todas as conquistas realizadas pela humanidade, a intolerância e o preconceito ainda prevalecem, pois segundo Souza (2008), no mundo contemporâneo permanece a resistência do denominado homem moderno em reconhecer e valorizar as peculiaridades de outras culturas. De forma específica, o conhecimento ocidental que se agrupa sob a denominação de ciência tende a desqualificar o saber produzido por grupos sociais que se pautam por diferentes referências. Ainda, além de desvalorizar as diferentes formas de conhecer produzidas por outros grupos culturais, a denominada sociedade moderna, industrial e científica, tende a impor, pela força física e ideológica, seus padrões e valores.

[...] Sendo a civilização européia o demarcador estabelecido pela ciência, era ela a medida da cultura primitiva de africanos, asiáticos ou índios. Em outras palavras, o dominador julgava e classificava como inferior o dominado. Foram as diferenças, ou seja, a medida da superioridade européia, que justificaram o neocolonialismo do século XIX. Diferentemente do antigo colonialismo, no qual negros e indígenas não eram considerados homens, pois não teriam alma, no novo colonialismo passam a ser considerados humanos, mas de raça inferior. (CHAVES; BATTISTI, 2004, p.56)

Fundamentamos nossa visão de educação percebendo que o respeito ao diverso e ao diferente pode ser um valioso instrumento de ensino técnico agrícola. Entendendo que a valorização das diferenças culturais existentes no Amazonas pode enriquecer de modo surpreendente qualquer conteúdo que se queira trabalhar num ambiente acadêmico, pois conforme citam Nogueira e Correia:

É o momento, ainda, de respeitar o diferente, sem querê-lo uniforme, e acolher o diverso, sem forçá-lo a unicidade, compreendendo que a complexidade e a multiplicidade da vida humana é o que nos torna incomensuravelmente ricos, cheios de possibilidades de fazer dessa vida individual, frágil e curta, algo que valha a pena, com sentido e razão de ser. (NOGUEIRA; CORREIA, 2002, p.27).

Desse modo, conforme destacam Nogueira e Correia (2002), é necessário a busca de um projeto educativo que contemple a idéia de que, na realidade, tudo tem a ver com tudo e todos tem a ver com todos, assim sendo, a escola e os profissionais da Educação podem contribuir para a formação de um sujeito integral.

Entendemos que a formação de um sujeito integral perpassa pela elaboração de um currículo que integre a idéia de que o ser humano, ao mesmo tempo em que conhece, aprende e sabe para transformar a si mesmo e a sua realidade, voltando-se para uma dimensão que integre habilidades e competências. Pensando desse modo Nogueira e Correia entendem que:

Um currículo fundamentado numa perspectiva holística, há de começar por conceber a pessoa humana como ser *pensante* e *sentinte*, além de cultural, livre e social, que fala, brinca, trabalha, ama, acredita e tem fé, potencialidades de cuja articulação dependem as possibilidades de galgar um degrau mais confortável na escala ontológica. (NOGUEIRA; CORREIA, 2002, p.30)

No mesmo foco, encontramos na obra de Paulo Freire a designação *Invasão Cultural*, que ele descreve como “a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. (FREIRE, 2005, p. 178).

O fato de Paulo Freire ter desenvolvido sua obra a partir do Nordeste, em muito nos aproxima dele, pois, assim como o Nordeste, a Amazônia, e de modo especial, o Amazonas é um desafio. Encontramos na obra de Paulo Freire conceitos que precisam ser resgatados na educação básica e profissionalizante do Amazonas. Devemos conceber um ensino que envolva em seu conteúdo a observação do ambiente amazônico. Simbolizar com os símbolos amazônicos, interpretar conforme o conhecimento e a perspectiva do homem da selva, que vive nas margens dos rios, que sobrevive da caça e da pesca e que tem na mata seu universo. Nesse sentido, Freire afirma que

Uma condição básica ao êxito da invasão cultural é o conhecimento por parte dos invadidos de sua inferioridade intrínseca. Quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos indivíduos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo. (FREIRE, 2005, p.174)

É a partir do contato do tecnológico com o cotidiano que o conhecimento deixa de ser algo estranho e passa a ser algo do indivíduo. É quando o estudante dá significado ao aprendizado. É fundamental que o ensino profissionalizante tire proveito do momento, da realidade do aprendiz, permitindo que este entre em contato com o meio que o cerca e tire proveito dele. Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do aluno, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação.

Por fim, coloca-se o desafio de saber conviver, compreendendo aí a alteridade, em que identidade, gênero, raça, etnia, diferenças (quem sou eu e quem és tu) e a intimidade (campos de acesso físico, mental, intelectual, espiritual e afetivo que os seres humanos permitem-se explorar mutuamente), tornam-se 'zonas' de permutas doativas e enriquecedoras no nosso processo intra e interpessoal de sermos para nós mesmos, para os outros, o mundo e o universo infinito, sem narcisismo e isolamento. Aí faz sentido falar-se em respeito, ecologia, paz, justiça, solidariedade, diálogo, respeito mútuo. Fora desse norte, estamos condenados ao aniquilamento pelo imperativo do 'cada um por si'. (NOGUEIRA; CORREIA, 2002, p.32)

O processo de aprendizado é então desenvolvido a partir da *leitura de mundo* do educando, da qual são identificadas as situações significativas da realidade em que está inserido. O conhecimento construído no ato de ensinar tem como objetivo problematizar a realidade e compreendê-la melhor e de maneira profunda. A partir dessa compreensão crítica, educandos são estimulados a planejar suas ações de intervenção social, principalmente da sua localidade, do meio onde está inserido e são impulsionados a assumir a condição de sujeitos do processo.

Ao valorizar os saberes e experiências trazidos pelos alunos no processo de ensino e aprendizagem, estamos oportunizando a todos os envolvidos nessa teia de produção do conhecimento a oportunidade de multidimensionar o saber, numa dinâmica em que o conhecimento é o centro de interesse, é o núcleo da relação, e dessa forma, alunos e professores tornam-se coadjuvantes desse processo.

Assim, o professor; no exercício de sua profissão, desenvolve saberes específicos com base em seu trabalho cotidiano, bem como no espaço em que este trabalho se desenvolve. Tais saberes originam-se da experiência e são por ela validados; eles incorporam à vivência individual e coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber ser e de saber fazer. (TARDIF et al, 1991 apud CECILLINI, 2002, p.47)

Por fim, e não menos importante, temos algumas contribuições de Jean Piaget, destacadamente seus escritos sobre educação. Mesmo que não pretendesse abordar essa temática, toda sua obra sobre Desenvolvimento Cognitivo alimenta diversos conceitos pedagógicos do passado e do presente.

Na obra *Science of Educacion*, conforme relata Pulaski (1980), Piaget levanta três questionamentos básicos sobre educação:

01) Qual é o objetivo do ensino?

02) O que devemos ensinar?

03) Como devemos ensinar?

Piaget afirma que essas questões jamais serão respondidas enquanto os educadores não se voltarem para a pesquisa experimental em busca de informações decisivas.

Piaget destaca que a valorização do papel do educador só será factível quando este profissional deixar de ser um mero transmissor de conhecimento para então tornar-se num experimentador junto com seus alunos. Pulaski relata que :

O problema fundamental, segundo Piaget, é que os educadores estão mais interessados no ensino do que nas crianças. Sua concentração e seu adestramento restringem-se aos métodos e ao currículo. Seu conhecimento de psicologia infantil é quase sempre superficial, e seu interesse pelo desenvolvimento mental e emocional da criança, limitado. (PULASKI, 1980, p.204)

A relação que fazemos entre a obra de Piaget e o tema desta pesquisa está no modo como este vê o estudante e o professor. Para Piaget, o processo de aprendizado consiste numa atitude ativa de aluno e professor, deixando de lado a contemplação e a passividade, pois, para Piaget, o conhecimento deriva da ação. E esse conhecimento absorve dos professores e de seus alunos, as suas experiências, as suas vivências e os saberes que eles trazem ou constroem juntos. Pois, “as crianças não aprendem sentando-se passivamente em suas carteiras e ouvindo o professor, assim como não aprendem a nadar sentando-se em barcos ancorados e observando os nadadores mais velhos na água.” (PULASKI, 1980, p.205).

Fundamentados nos pressupostos supracitados e entendendo que a educação agrícola no Estado do Amazonas requer uma visão diferenciada de quem promove o ensino tecnológico nesta terra, apresentaremos a seguir a metodologia de investigação que nos permitiu o levantamento de dados sobre o tema proposto nesta pesquisa.

5. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Por se tratar de um estudo que procurou identificar se as ações educativas promovidas pelo IFAM Zona Leste na formação dos técnicos agrícolas contemplam os valores e a cultura local expressas pela trajetória histórica, pelos saberes e pelas experiências acumuladas pelos educandos, seguimos uma abordagem qualitativa de pesquisa.

Considerando que Martins (2004) define a pesquisa qualitativa como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise, buscamos realizar uma investigação que priorizasse um fazer científico fundamentado na ética e na verdade.

Identificamos no modelo qualitativo de pesquisa aquele que melhor possibilitaria atender a este propósito, pois, esta metodologia lida diretamente com questões históricas, culturais, sociais e psicológicas, aspectos que são de difícil avaliação se vistos com um olhar das ciências naturais; conforme cita Martins ao afirmar que “[...] na sociologia, como nas ciências sociais em geral, diferentemente das ciências naturais, os fenômenos são complexos, não sendo fácil separar causas e motivações isoladas e exclusivas”. (MARTINS, 2004, p.291)

A escolha desta abordagem justifica-se também pelo que dizem Lucke e André ao afirmarem que:

Entre as várias formas que pode assumir uma pesquisa qualitativa, destacam-se a pesquisa do tipo etnográfico e o estudo de caso. Ambos vêm ganhando crescente aceitação na área de educação, devido principalmente ao seu potencial para estudar as questões relacionadas à escola. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.13)

5.1. Os Sujeitos da Pesquisa

Na intenção de encontrar respostas para o questionamento objetivo desta pesquisa, realizamos um estudo envolvendo alunos do curso integrado de Técnico em Agropecuária do IFAM Zona Leste, que tivessem como característica serem oriundos dos municípios do interior do Estado do Amazonas. De um universo de 257 alunos, selecionamos 18 estudantes que responderam a um questionário com questões abertas e participaram de entrevistas em grupo, consistindo em 03 entrevistas com grupos de 06 alunos cada. O número de estudantes escolhidos foi determinado pela abrangência do trabalho e os instrumentos a serem utilizados.

Os 18 estudantes escolhidos como amostra foram selecionados por localidade, por meio de sorteio, observando a distribuição de pólos utilizada no processo seletivo do IFAM Zona Leste, conforme descrito no quadro 01 a seguir, pois os mesmos situam-se em locais estratégicos das chamadas calhas (leitos agregadores) dos rios que cortam o Estado do Amazonas e que representam aglomerados de municípios com semelhanças nos aspectos da localização, economia e cultura (veja mapa a seguir).

Foram escolhidos também 10 professores da Instituição, o que equivale a 20% do número total de docentes efetivos, para responder a um questionário (anexo D), visando a complementação de dados relacionados ao estudo em questão. Os professores escolhidos cumpriram ao critério de serem de formação e atuação diversificada, devendo contemplar as disciplinas de formação técnica e do ensino médio.

ORGANIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS EM PÓLOS	
PÓLOS	MUNICÍPIOS COMPONENTES
1	MANAUS, Autazes, Careiro Castanho, Careiro da Várzea, Iranduba, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva
2	BENJAMIM CONSTANT, Atalaia do Norte e Tabatinga.
3	SÃO PAULO DE OLIVENÇA, Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tonantins
4	TEFÉ, Uarini e Alvarães.
5	FONTE BOA, Japurá, Jutaí, Juruá e Marãa.
6	COARI e Codajás
7	MANACAPURU, Anamá, Anori, Beruri, Caapiranga e Manaquiri.
8	ITACOATIARA, Itapiranga, São Sebastião do Uatumã, Silves, Urucurituba e Urucará
9	MAUÉS e Boa Vista do Ramos
10	PARINTINS, Barreirinha e Nhamundá
11	APUÍ
12	BORBA, Nova Olinda do Norte, Novo Aripuanã, Manicoré e Humaitá
13	BARCELOS e Santa Izabel do Rio Negro
14	EIRUNEPÉ, Envira e Itamarati.
15	GUAJARÁ e Ipixuna
16	CARAUARI
17	17 BOCA DO ACRE Boca do Acre e Pauini
18	LÁBREA, Canutama e Tapauá

Quadro 01 – Organização dos Municípios do Amazonas em Pólos.

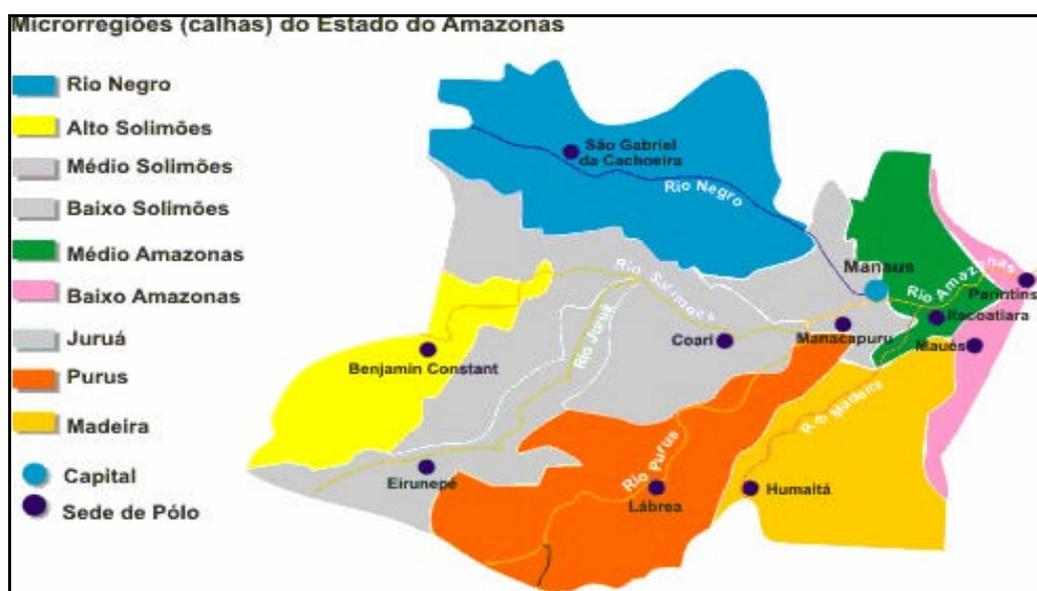


Figura 03 – Organização do Estado do Amazonas em Pólos.

Fonte: <http://ced.ufam.edu.br/municipios.html>

5.2. Os Instrumentos da Pesquisa

5.2.1. Questionário para discentes

O questionário com questões abertas foi aplicado no grupo de 18 alunos que, reunidos em uma sala de aula, receberam as questões formuladas conforme modelo em anexo (anexo C), e tiveram tempo livre para responder ao que era solicitado. Durante a aplicação do questionário surgiram alguns questionamentos, os quais foram esclarecidos para todos os presentes.

5.2.2. Questionário para docentes

Foi distribuído um questionário (anexo D) a 10 professores do IFAM Zona Leste, sendo 05 professores do ensino técnico e 05 do ensino médio. Aos docentes foi estabelecido o prazo de 07 dias para devolução dos questionários respondidos. Dois professores não devolveram os questionários no prazo estipulado, ficando os mesmos fora da análise feita. Um professor justificou motivos pessoais para não responder ao questionário, sendo o mesmo substituído por outro colega.

5.2.3. Entrevista em grupo

A utilização do método de entrevista semi-estruturada nesta pesquisa fundamenta-se nas palavras de Duarte ao afirmar que:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados [...] Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (DUARTE, 2004, p.215)

Os 18 alunos que responderam aos questionários foram divididos em grupos de 06 e participaram de uma entrevista abordando as questões formuladas no questionário. Orientamos as entrevistas de uma forma em que todos os presentes pudessem expressar suas opiniões sobre os temas tratados, buscando, quando possível, um consenso de todos a respeito da valorização ou não das experiências e vivências dos alunos dentro do Campus Zona Leste.

5.2.4. Pesquisa documental e bibliográfica

A complementação da coleta de dados foi realizada por meio de um levantamento bibliográfico com o propósito de buscar uma maior compreensão das características do homem amazônico e seu “habitat”, como também aprofundar o conhecimento de abordagens teóricas que proponham métodos de ensino-aprendizagem que preserve as características individuais dos envolvidos no processo de aprendizado. Paralelamente foi feito um levantamento das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo Campus, utilizando para isso da observação “in loco” e por meio da análise do programa político-pedagógico e da proposta curricular da Instituição, envolvendo os planos de curso, os diários de classe e outros

documentos que registram os conteúdos e práticas aplicadas junto aos estudantes, buscando criar paralelos entre os métodos de ensino aplicados nestas Escolas e as propostas teóricas estudadas.

6. ANÁLISE DE DADOS: COMPREENDENDO A REALIDADE

6.1 Análise do Questionário e das Entrevistas em Grupo Realizadas com os Alunos

Ao analisarmos o questionário (anexo C) aplicado aos 18 alunos selecionados, observamos resultados que dão uma dimensão da maneira como os conhecimentos, experiências e saberes trazidos pelos alunos são aproveitados dentro das atividades de ensino do IFAM Zona Leste. Essa análise abordará também a compreensão dos relatos obtidos nas entrevistas realizadas com os grupos de alunos, conforme descrito no capítulo sobre metodologia.

Na primeira pergunta do questionário procuramos saber sobre o município de origem dos alunos selecionados e, juntamente com a segunda questão, intentamos saber sobre as principais atividades de produção de renda das cidades de origem dos estudantes.

Em resposta à primeira pergunta do questionário e também como descrito nas entrevistas, transcreveremos abaixo o relato que alguns deles fazem sobre suas cidades de origem.

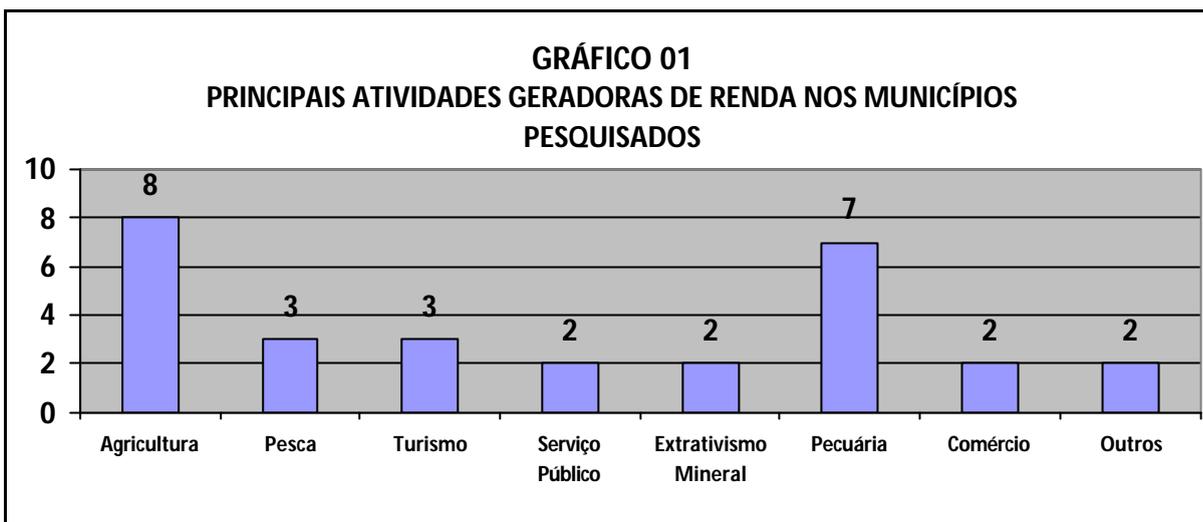
“Sou de Atalaia do Norte, um município cujas suas características são profundamente voltada as descendências indígenas, com 13.667 habitantes, Atalaia do Norte tem uma idade de 46 anos e é um dos poucos municípios que faz fronteiras com Peru e Colômbia.”
(Aluno do Pólo 02)

“Anori é um lugar calmo, pouco desenvolvido. Tem má educação, mas apesar de tudo, seus moradores tem caráter. Uma cidade muito boa de viver, apesar de inúmeras dificuldades encontradas.” (Aluno do Pólo 07)

“O meu município é bastante conhecido por diversas regiões. Além disso, Barreirinha passou por diversas dificuldades (a cheia dos rios invadiu 90% da cidade), mas hoje essas dificuldades estão sendo superadas e eu tenho vontade de um dia poder ajudar o meu município com meu conhecimento.”
(Aluno do Pólo 10)

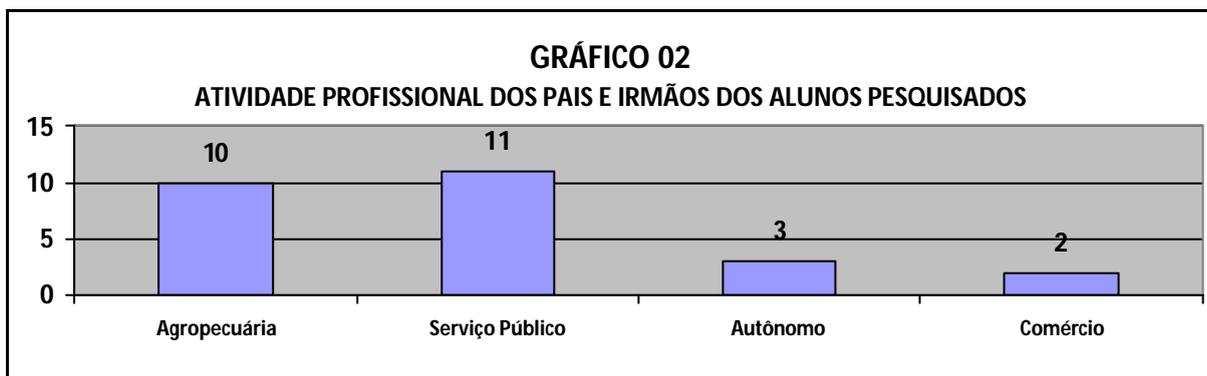
“Barcelos é uma cidade calma, com grande potencial para turismo e é conhecida como capital do peixe ornamental, na qual tem produção do mesmo.” (Aluno do Pólo 13)

De modo geral os alunos pesquisados afirmaram que são oriundos de municípios de vida tranqüila e onde *é bom de viver*. As respostas dadas à segunda questão indicam que as principais atividades de produção de renda desenvolvidas nesses municípios são a agricultura familiar, a pesca, o extrativismo, o turismo e a renda obtida por meio do serviço público, conforme descrito no quadro a seguir:



Nas questões 03, 04 e 05 buscamos encontrar correlação entre as atividades de renda da família do aluno pesquisado e o aprendizado que o mesmo possivelmente tenha desenvolvido a partir da dinâmica profissional familiar.

Em resposta à questão 03, os alunos pesquisados revelaram que as atividades profissionais de suas famílias estavam divididas em dois principais grupos, aqueles que pertenciam a famílias que exerciam atividade agropecuária e outros que vinham de famílias que tinham renda no serviço público municipal.



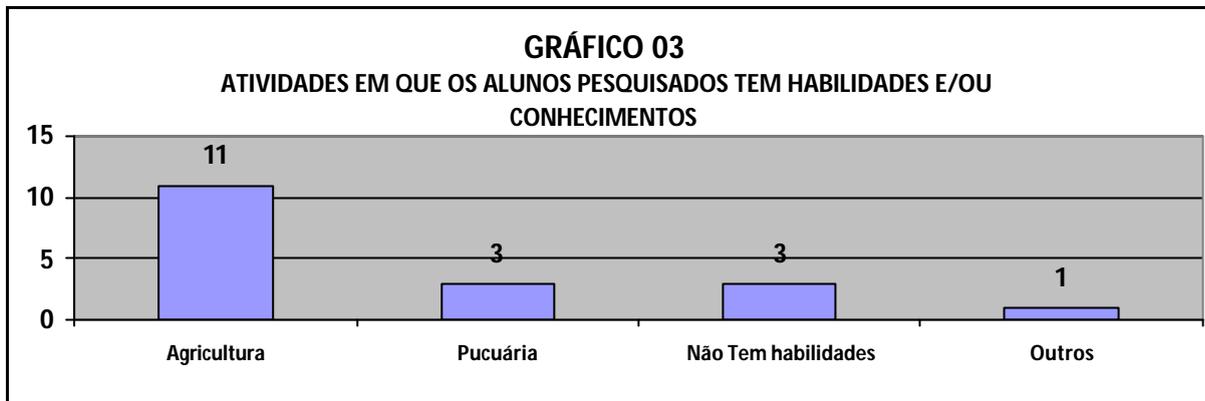
Na questão 04 perguntamos se o aluno contribuía para o sustento da família realizando alguma atividade produtiva. Sete alunos responderam que não contribuía para o sustento familiar, os demais participavam ativa ou parcialmente no sustento da família.

ALUNOS QUE PARTICIPAVAM NO SUSTENTO FAMILIAR		
Participavam Totalmente	Participavam Parcialmente	Não Participavam
09	02	07

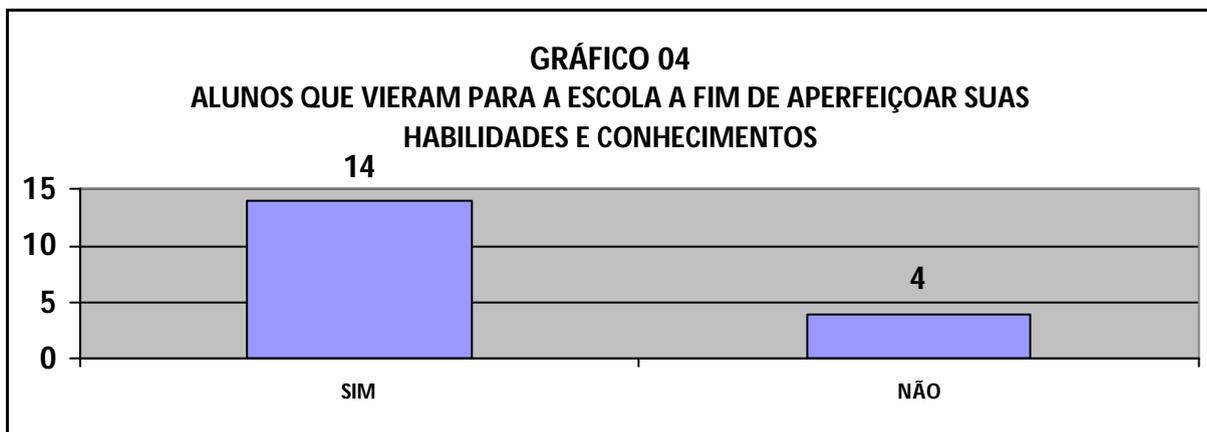
Quadro 02 – Alunos que participavam no sustento familiar

Como grande parte dos alunos pesquisados tinha em casa, o contato com a prática agropecuária, entendemos que esse convívio desenvolveu habilidades e conhecimentos acerca desta atividade. A questão 05 fazia a seguinte pergunta: “Você tem habilidades em quais

atividades de produção de renda? Veremos no gráfico abaixo que a maioria dos alunos possui habilidade nas práticas agropecuárias.



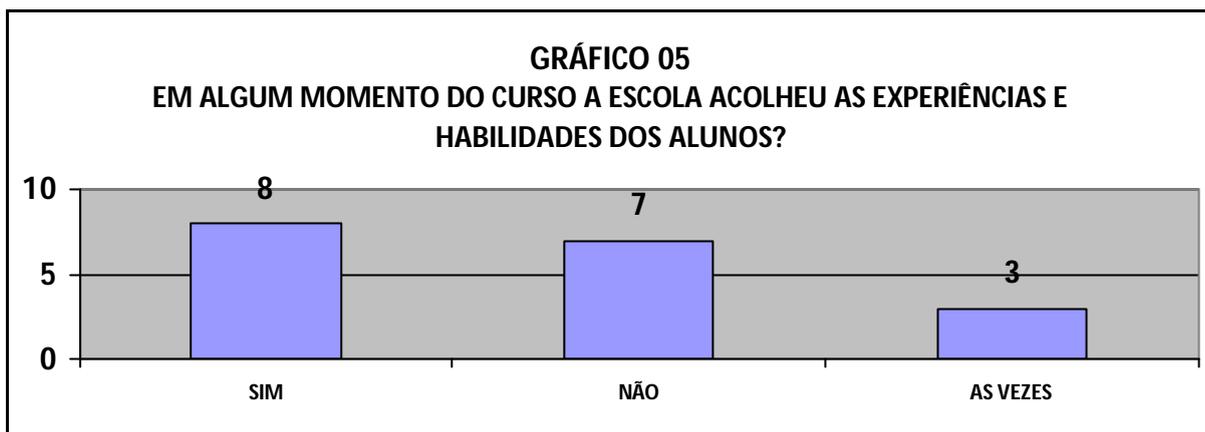
Questionados na pergunta 06 se o propósito de virem para o Campus Zona Leste tinha como intuito o aperfeiçoamento das habilidades adquiridas no convívio familiar, a maioria afirmou que sim.



Nosso propósito nestas questões iniciais era o de verificar se os alunos pesquisados traziam para a Escola saberes, vivências e experiências que lhes caracterizassem como possuidores de conhecimentos para ser partilhados nas atividades educativas do Campus Zona Leste.

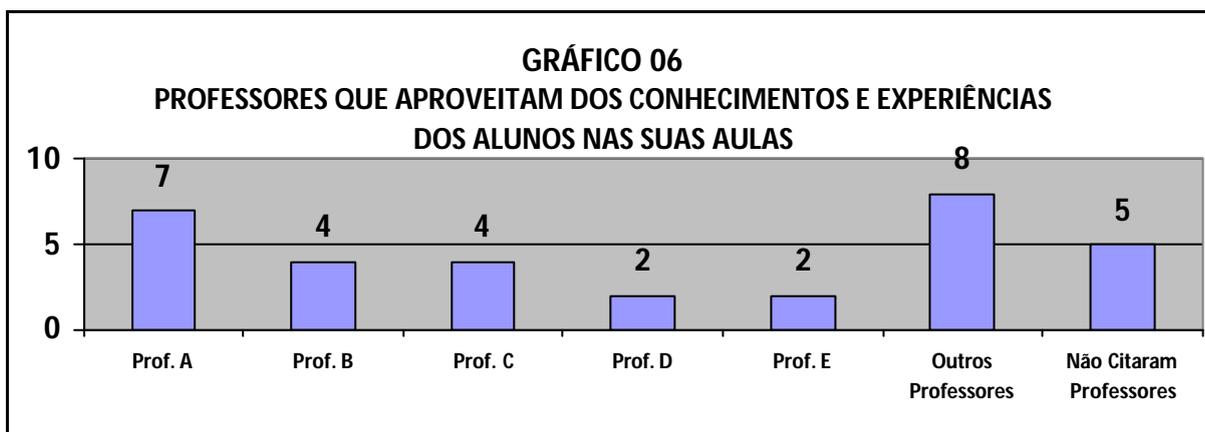
Nas questões seguintes, procuramos verificar o modo como a Escola valorizava ou não os saberes trazidos pelos alunos.

Na sétima questão buscamos encontrar no relato dos alunos se havia o aproveitamento, a valorização ou o acolhimento de seus conhecimentos e saberes por parte do Campus Manaus Zona Leste. O que notamos nas respostas a esta pergunta é que, em parte, a Escola valoriza sim as experiências trazidas pelos alunos, destacadamente nas aulas práticas, conforme citado por alguns.



É importante destacar que as respostas afirmativas estavam centradas em disciplinas ou professores específicos, o que foi reafirmado nas respostas à questão oito, que solicitava aos alunos que identificassem professores ou disciplinas que valorizassem seus conhecimentos e experiências.

Conforme pode ser visto no gráfico a seguir, os 18 alunos pesquisados citaram 13 professores que usam dos saberes dos alunos em suas aulas. Entretanto, dos 13 professores citados, houve uma concentração em torno do nome de 03 deles. O professor A foi citado por 07 alunos. O professor B foi citado 04 vezes e o técnico C foi citado também 04 vezes.



Diante do exposto, podemos considerar que existem professores no Campus Zona Leste que valorizam os conhecimentos e as experiências dos alunos do interior em suas aulas. No entanto, esse número representa um percentual baixo, considerando o número total de professores da Escola que é de 55 (cinquenta e cinco) docentes.

“Desconheço, pois os professores e técnicos são muito incompreensivos, vão diretamente ao assunto sem pedir opinião ao aluno.” (Aluno Pólo 12)

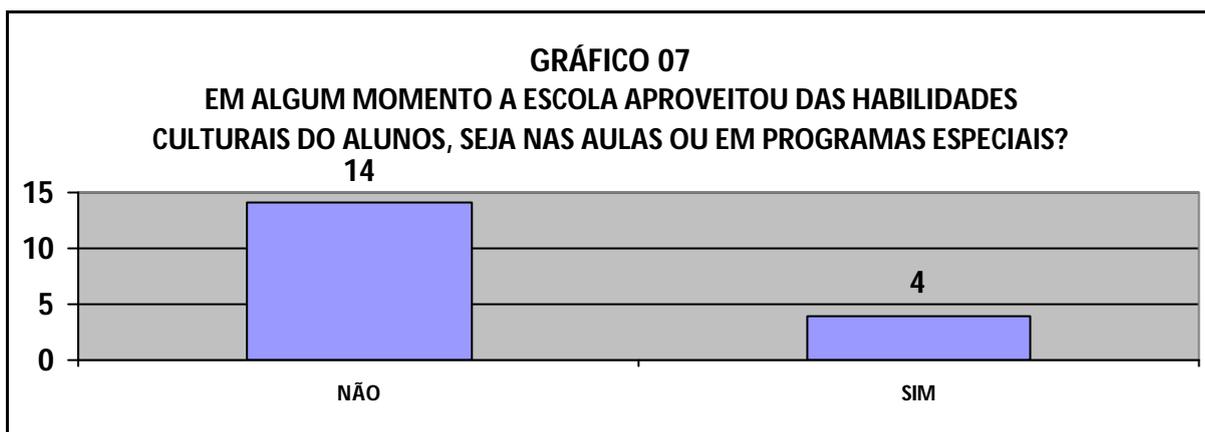
As questões 09 a 12 tratavam de verificar se a Escola valorizava as habilidades artísticas e os interesses culturais dos alunos. Procuramos identificar programas ou atividades que acolhessem os dotes artísticos e culturais dos alunos do interior do Estado.

As respostas dadas à questão 09 mostraram diversas manifestações culturais vivenciadas pelos alunos pesquisados. Festejos como a Festa do Cupuaçu, Festa do Pescador, Festa do Tucunaré, Vaquejada, Dança do Africano, Ciranda, Quadrilha, Festa da Laranja,

Forró de Rua, Boi Bumbá, Festival do Peixe Ornamental e muitas outras manifestações culturais.

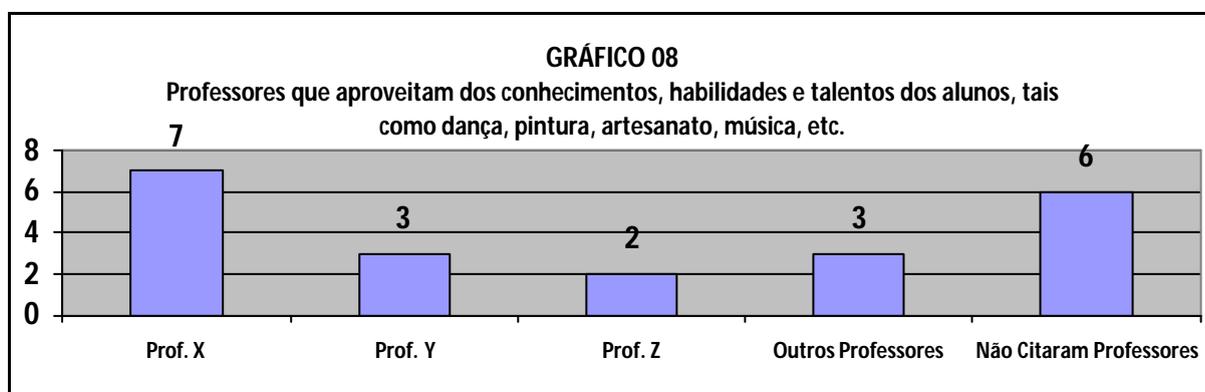
Observando as respostas dadas à questão 10, percebemos que 50% dos alunos participavam direta ou indiretamente dessas atividades culturais, ou seja, metade dos alunos pesquisados vivenciavam as tradições e as manifestações populares de seus municípios.

Questionados sobre o acolhimento e a manifestação desses conteúdos folclóricos dentro da Escola, os alunos responderam que há pouco aproveitamento desses saberes dentro das práticas e atividades escolares, conforme pode ser observado no gráfico a seguir:



Do mesmo modo que a valorização dos saberes e dos conhecimentos práticos é utilizado por uma pequena parcela de professores da Escola, o mesmo ocorre com a valorização dos dotes artísticos e culturais dos alunos. Nas respostas à questão 12, percebemos que em doze respostas há indicação de professores que valorizam as habilidades artísticas dos alunos; no entanto, essa valorização centra-se quase que exclusivamente na figura do professor de artes, sendo o nome deste professor citado por mais que 1/3 dos pesquisados. Seis alunos não identificaram professores que valorizem as aptidões artísticas e culturais dos alunos.

“A Escola tem muitos alunos talentosos para artes e diversas expressões artísticas. Mas a Escola não tem nem um tipo de projeto que relacione as habilidades culturais dos alunos.”
(Aluno Pólo 12)



Nas questões 13 a 18 buscamos informações a respeito das possíveis mudanças comportamentais geradas nos alunos a partir de suas vivências dentro da Escola. Tínhamos a intenção de perceber se o ambiente escolar contribuía para a formação de condutas e valores

apropriados, ou se estaria, mesmo que indiretamente, favorecendo posturas e comportamentos indesejados.

Questionados na questão 13 se a Escola interferiu no seu jeito de ser, mudando ou alterando seu comportamento, os alunos responderam em sua maioria que sim, afirmando nas respostas que as mudanças foram positivas. Dentre as mudanças citadas, destacam-se as que se referem ao aspecto de amadurecimento pessoal e profissional, relacionamento interpessoal e o desenvolvimento de habilidades de expressão e comunicação.

Questão 13 - Você poderia dizer se a Escola Agrotécnica interferiu no seu jeito de ser, mudando ou influenciando seu comportamento?		
SIM	NÃO	PARCIALMENTE
13	02	03

Quadro 03 – Resposta a questão 13 do questionário aplicado aos alunos.

Complementando a pergunta anterior, a questão 14 pedia que os alunos detalhassem quais os aspectos de seu comportamento mais foram modificados ao chegar à Escola. Os relatos apresentados nas entrevistas expressam melhor as respostas dadas:

“No momento que entrei para a escola, não sabia como me comportar para uma oportunidade no mercado de trabalho, e hoje eu sei como.” (Aluno Pólo 04)

“Fez eu ter mais responsabilidades e também com relação a suportar certas ocasiões e provocações feitas por algumas pessoas.” (Aluno Pólo 06)

“Educação. A visão de um novo mundo. Conceitos sobre amizades, organização, administração de tempo e dinheiro.” (Aluno Pólo 11)

“A escola mudou meu jeito de comunicar com outras pessoas.” (Aluno Pólo 15)

“Comportamento, diálogo em sala de aula. Como tratar as pessoas e como conviver com pessoas de culturas diferentes.” (Aluno Pólo 12)

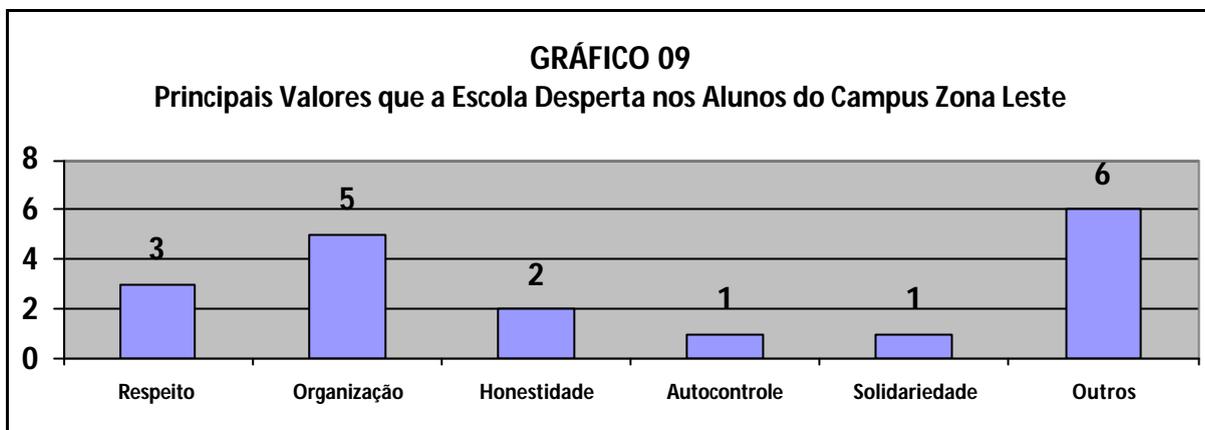
Na questão 15 perguntamos se as mudanças promovidas pela Escola foram positivas ou negativas. Dentre os pesquisados, 16 afirmaram que sofreram influências positivas do ambiente escolar do Campus Zona Leste, 01 disse que as mudanças foram negativas e 01 não respondeu.

“A Escola me influenciou de maneira positiva, pois tudo aqui se aprende e foi onde reconheci a ótima educação que recebi de meus pais.” (Aluno Pólo 12)

Sobre a influência dos educadores da Escola e sua participação direta ou indiretamente nessas mudanças comportamentais, identificamos nas respostas à questão 16 que diversos professores foram citados, sendo estes de diversas áreas de formação e atuação dentro do Campus.

Na questão 17 perguntamos se a Escola contribuía para a construção de valores junto aos alunos, destacando valores como respeito, honestidade, organização e limpeza. Dos pesquisados, 01 aluno respondeu que a Escola não acrescenta ou desperta valores nos alunos.

Os 17 alunos restantes afirmaram que a Escola desperta valores nos alunos, destacadamente os valores da organização, respeito, honestidade e autocontrole. Podemos visualizar melhor os valores citados pelos alunos no gráfico abaixo:

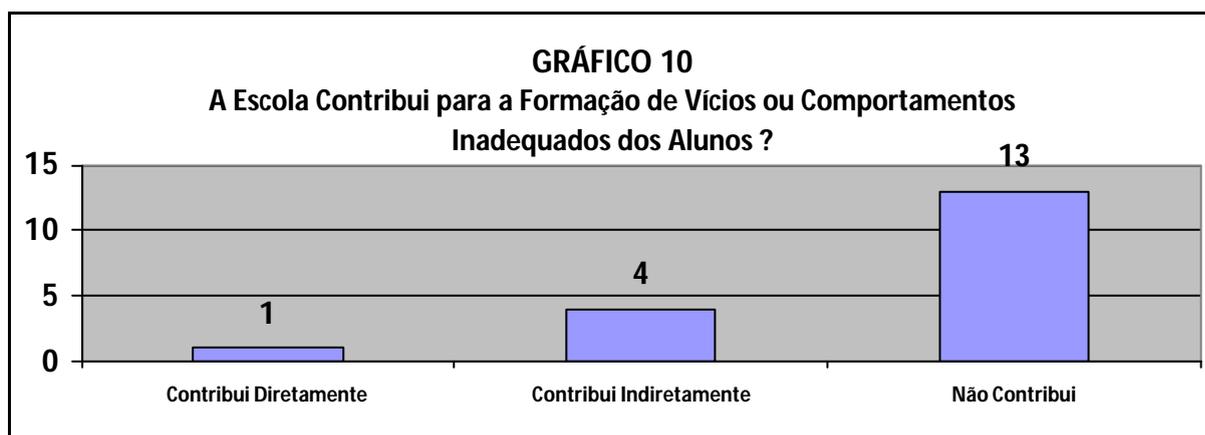


“Despertou valores como respeito e aprendi muito a ser mais solidário.” (Aluno Pólo 06)

“A escola me deu mais ânimo para fazer com humildade e buscar os meus sonhos, e me deu mais confiança de que vou conseguir.” (Aluno Pólo 14)

“A escola apenas reforçou os valores que eu trouxe de casa, como honestidade e organização” (Aluno Pólo 07)

Perguntamos na última questão se a Escola contribui para a formação de vícios ou comportamentos inadequados dos alunos. A respeito deste assunto os pesquisados responderam da seguinte forma:



A análise do questionário aplicado nos 18 alunos que tem origem e formação nos municípios do interior de Estado, permitiu que observássemos 03 aspectos de valorização e aproveitamento dos conhecimentos e saberes que acompanham os jovens estudantes do Amazonas. Na primeira parte do questionário, que buscou identificar se os saberes, as experiências e os conhecimentos trazidos pelos alunos são aproveitados pela Instituição, percebemos que esta preocupação está presente na prática de alguns docentes do Campus, o que não nos permite afirmar que isto seja uma prática ou um procedimento Institucional.

Percebemos a partir dos relatos, que os alunos destacam com entusiasmo aqueles professores que assim o fazem, considerando nesta prática uma postura que favorece a auto-estima dos estudantes.

Numa segunda parte do questionário, buscamos evidenciar se a Escola valorizava as habilidades artísticas e culturais dos alunos, dentro de suas programações, atividades e eventos. Exceção feita à abertura dos jogos inter-classes, onde os alunos elaboram apresentações artísticas com uma temática regional, para os entrevistados não há no cotidiano escolar o interesse em despertar, desenvolver ou destacar as qualidades artísticas dos estudantes, mesmo que seja percebido pelos docentes a existência de jovens talentos dentro da Escola, o que veremos na análise do questionário aplicado aos professores.

Na terceira parte do questionário, buscamos perceber as mudanças comportamentais que a Escola promovia nos alunos, tentando saber sobre o desenvolvimento de valores ou vícios nos mesmos.

Pelo relato dos estudantes, a Escola contribui mais para a formação de valores e comportamentos apropriados do que para a construção de características comportamentais inadequadas. Os alunos afirmam que muitos dos estudantes que apresentam desajustes de comportamento dentro da Escola, já trazem de sua formação familiar os maus hábitos, e encontra no ambiente escolar a oportunidade para a livre manifestação desses costumes.

Desse modo, a análise dos dados obtidos a partir do questionário aplicado junto aos alunos da Escola, mostra que a valorização, o uso e o emprego dos conhecimentos técnicos, artísticos e culturais trazidos pelos alunos, dentro das atividades e do cotidiano escolar é restrito. É restrito a alguns professores e técnicos que entendem a importância dessa valorização. Escola no seu todo não possui um programa, atividade ou projeto pedagógico que venha a disseminar esse assunto, tornando-o institucional.

6.1. Dados Obtidos com o Questionário Respondido pelos Professores

Obtidas importantes informações junto aos estudantes, descreveremos a seguir os relatos colhidos junto aos docentes do IFAM Zona Leste, especificamente a interpretação dos dados obtidos a partir do Questionário respondido pelos professores (anexo D), conforme detalhamento abaixo:

Oito professores/técnicos responderam ao questionário supracitado, sendo estes representantes de diversas áreas de conhecimento, conforme pode ser observado no quadro abaixo. Estes dados foram obtidos a partir da primeira pergunta do questionário que solicitava aos docentes que descrevessem as disciplinas que ministravam.

DOCENTE	DISCIPLINAS MINISTRADAS
Professor 01	“ Olericultura - É uma disciplina indispensável no curso de agropecuária, pois é o ramo desta área que rende mais lucro por m2 cultivado, além de ter o retorno mais rápido.”
Professor 02	“Dizem respeito à criação de Animais de Médio Porte (ovinos, caprinos e suínos) para a produção de alimentos para o homem e produtos para a indústria.”
Professor 03	“ Educação Física - Uma disciplina extremamente importante para desenvolver qualidade de vida, relacionamento e interação social. Desenvolve valores culturais, esportivos, dentre outros. Tem o objetivo de desenvolver uma formação geral do aluno.”
Professor 04	“A matemática é uma ciência que se insere em todos os ramos de conhecimentos,

	portanto é uma disciplina que, sendo mensurada de forma adequada, facilita a mensuração de vários problemas inerentes à sociedade.”
Professor 05	“As disciplinas são da formação técnica, sendo que a maioria são ministradas para alunos do curso técnico em manejo florestal, somente silvicultura tropical é trabalhado com alunos do ensino médio.”
Professor 06	“ Práticas agropecuárias , visando a conservação do meio ambiente, recuperação de áreas degradadas, produção vegetal empregando o sistema orgânico, permacultural e agroecológico, respeito ao ecossistema, Biodiversidade, etc.”
Professor 07	“ Gestão I - Administração e economia rural ligado a produtos e serviços agropecuários. Planejamento e Projetos Agrícolas - conceito de planejamento e projetos relacionados a produção agrícola e pesqueira.”
Professor 08	A educação física é uma ciência multidisciplinar que busca aprimorar e preservar a saúde do ser humano, por meio do estudo e de atividades físicas específicas. O objetivo principal da E. F. é desenvolver o indivíduo de forma integral, levando em consideração a sua saúde. Ressaltando que a saúde não é simplesmente a ausência de alguma doença ou enfermidade, e sim o estado de completo bem estar físico, mental e social do indivíduo. As atividades físicas, os jogos, esportes e a dança são meios utilizados pela E.F. para atingir a sua meta e a saúde do ser humano.

Quadro 04 – Disciplinas Ministradas/Professor

A segunda pergunta questionava se os professores procuravam aproveitar os conhecimentos e experiências dos alunos nos assuntos ministrados nas aulas. Os docentes foram unânimes ao responder que sim, o que demonstra uma preocupação particular em se valorizar os conhecimentos e as experiências trazidas pelos alunos, conforme podemos observar na transcrição de algumas respostas abaixo:

“Sim, pois temos alunos filhos de agricultores que nos ajudam na transmissão de informações e confirmando o que já conhece na prática.” (Professor 01)

“Sim, muitas vezes os alunos trazem consigo vários conhecimentos de determinados conteúdos inerentes a esta disciplina. E neste caso, o papel do educador é simplesmente orientar ao aluno de forma mais sistemática acerca desses conhecimentos.” (Professor 04)

“Com toda certeza. Os alunos do IFAM de forma geral e principalmente do curso de manejo florestal, ao longo da vida, adquiriram um vasto conhecimento sobre a floresta; conhecimento que é valorizado, utilizado e estimulado, principalmente nas aulas práticas.” (Professor 05)

“Sim. É de suma importância aproveitar os conhecimentos dos alunos, (que) são conhecimentos adquiridos dos genitores, das comunidades a que pertencem. O aproveitamento que faço é incorporá-lo ao conhecimento técnico, feito isso, o aprendizado é mútuo.” (Professor 06)

“Sim. Sempre faço um levantamento com a turma para saber de suas experiências com a disciplina educação física e eventos esportivos gerais. Isso me dá uma base do quanto eles têm vivido a prática esportiva em suas comunidades, e saber também daqueles que nunca praticaram nenhum tipo de esporte.” (Professor 08)

Como pôde ser visto nos relatos acima, os professores têm conhecimento da importância de se valorizar, e de se utilizar nas aulas, dos conhecimentos e experiências de seus alunos.

Procurando saber se na prática do dia-a-dia os docentes valorizavam e faziam uso desse aspecto em suas aulas, a pergunta 03 questionava sobre qual o valor que o professor dá aos saberes trazidos pelos alunos oriundos do interior do Estado, e se faz uso desses saberes nas suas aulas. Também nessa questão os professores foram unânimes ao afirmarem que valorizam sim os conhecimentos trazidos pelos alunos. A maneira como fazem uso destes conhecimentos podem ser notados nos relatos a seguir:

*“Usamos os alunos como líderes das práticas. E sempre estão nos ajudando sim.”
(Professor 01)*

“São ‘valorizados’ dando-lhes oportunidades de comentarem e/ou exercitarem suas experiências junto aos colegas, pois muitos nunca visitaram uma propriedade rural e, comentamos suas experiências fazendo algumas observações/ressalvas segundo as recomendações técnicas vigentes em nossa região.”(Professor 02)

“Eu admiro a valorizo muito esses valores, pois acredito que o homem sem um passado não pode criar um presente consistente, pois falta-lhe experiência, vivência e prática, para tomar decisões coerentes e transferir conhecimentos.”(Professor 03)

“É de grande relevância, pois reflete a verdadeira situação de seu convívio.” (Professor 04)

“Sim. Como foi dito, este “saber” é estimulado e aplicado em atividades, principalmente nas aulas de campo.” (Professor 05)

“São saberes adquiridos no seio paterno e materno e os mesmos são passados de geração em geração. São saberes de valores que ninguém lhes subtrairão, assim sendo, eu enriqueço as minhas aulas com esses saberes e a assimilação e acomodação pelos discentes é compensador.” (Professor 06)

“São importantes para ilustrar determinados assuntos em sala de aula.” (Professor 07)

“Nossos alunos oriundos do interior do Estado são aqueles que melhor representam a força do caboclo amazônida. Participam com mais entusiasmo, dedicação e força de vontade às atividades desenvolvidas. Sempre aproveitamos os saberes trazidos por esses alunos, para tornar as aulas mais dinâmicas e proveitosas.” (Professor 08)

A quarta questão fazia o seguinte questionamento: *“Em sua opinião, os conhecimentos e experiências que os alunos do interior trazem podem influenciar de alguma forma nas aulas?”* Nesta pergunta não houve unanimidade, pois um professor declarou que os conhecimentos formais e científicos ensinados na Escola, diferem dos conhecimentos trazidos pelos alunos do interior do Estado. No entanto, os outros professores afirmaram que sim, detalhando sobre essa influência nos relatos a seguir:

“Eles participam nas informações, enquanto os outros colegas ouvem, e isso é muito bom para motivação da aprendizagem dos outros.” (Professor 01)

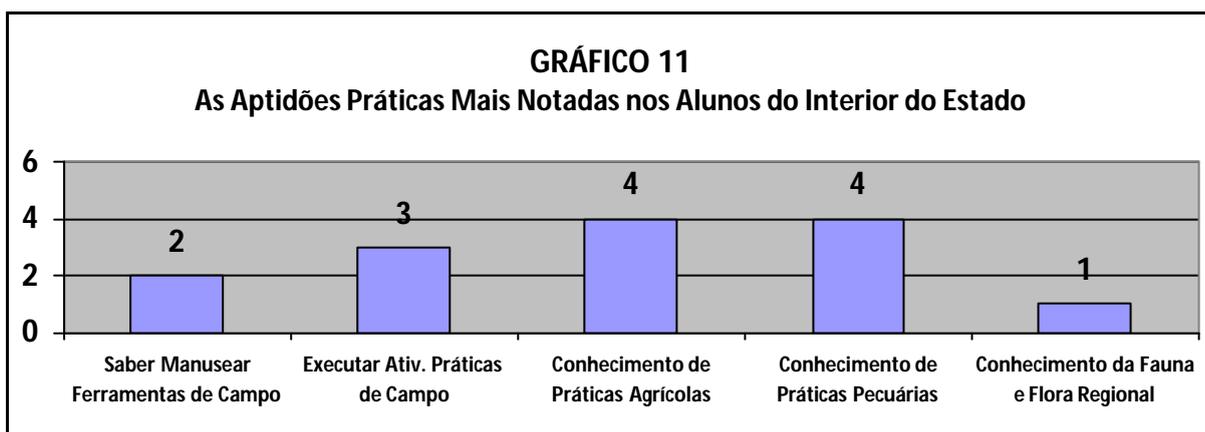
“Certamente. Alguns alunos possuem conhecimentos e experiências muito interessantes, ricas de conteúdo e, conforme o assunto trazem contribuições para o melhor entendimento dos colegas e do professor, por que não? É só ter um pouco de humildade para ‘receber’ o conhecimento de seu aluno. Ninguém sabe tudo.” (Professor 02)

“Sim. Facilita a aprendizagem. Em termos práticos, beneficiando-os a parte teórica, facilitando a assimilação das técnicas de cultivos.” (Professor 06)

“Sim, porque são experiências que deram certo, e provavelmente é o que os antigos praticavam em suas regiões. É o conhecimento empírico.” (Professor 07)

“Sim. Aproveito esses alunos que já dominam e têm certos conhecimentos e experiências, para me ajudar com os demais da turma, facilitando essa troca de informações e melhorando o desenrolar das atividades propostas.” (Professor 08)

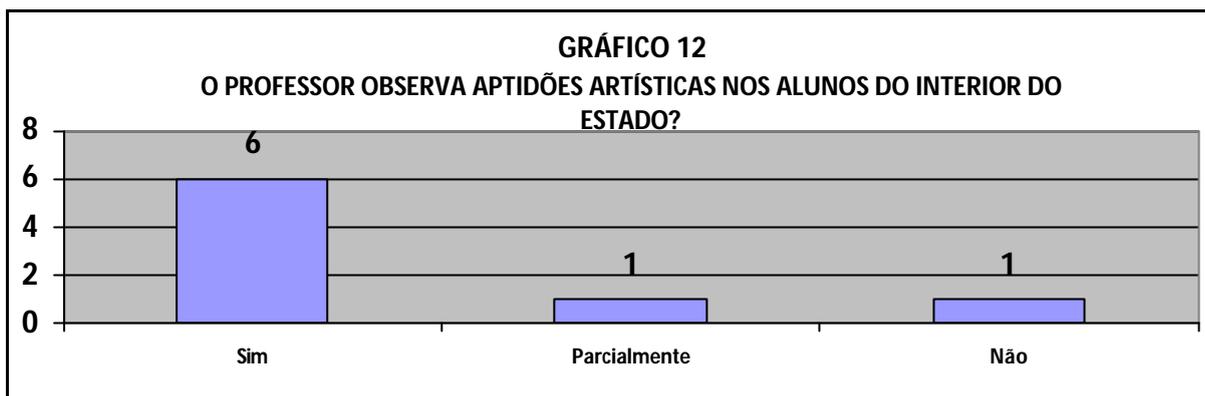
Procurando saber sobre as aptidões técnicas que se observava nos alunos do interior, a quinta questão perguntou aos professores quais eram as mais notadas. A resposta a esta questão está no gráfico a seguir:



É merecedor de destaque o comentário feito por um professor a respeito das aptidões físicas dos alunos oriundos do interior do Estado do Amazonas. Observe no relato feito, a riqueza que se pode obter ao explorar os saberes e experiências dos alunos que vem do interior da selva amazônica:

“As particularidades do homem do interior são diferentes dos da capital. A grande maioria já fazem atividades físicas naturais, como andar, correr, pedalar, nadar, caçar, jogar, trabalhar na roça, proporcionando uma melhora significativa em sua motricidade, tornando os gestos esportivos mais naturais do que dos alunos da capital.” (Professor 08)

Questionados sobre as aptidões artísticas observadas nos alunos do interior, os docentes relatam que notam diversos casos de alunos com grande potencial artístico nas áreas de artes plásticas e música.



Destaca-se o relato de alguns professores na questão 06:

“Sim. Muitos de nossos alunos são verdadeiros artistas nas artes da pintura, música, literatura e até na imitação de pássaros da floresta amazônica.” (Professor 04)

“Muitos deles são artistas natos. Quando acontecem as olimpíadas esportivas, eles botam para fora toda sua criatividade. Falta na Escola uma orientação específica de um profissional capacitado para desenvolver suas reais potencialidades nas diversas áreas.” (Professor 08)

Procurando focalizar o aspecto institucional, na questão 07 procuramos saber se, na opinião dos professores, o Campus Zona Leste valoriza adequadamente os saberes, as trajetórias e as experiências trazidas pelos alunos que chegam à Escola. As respostas a esta questão não encontraram consenso, pois alguns professores afirmaram que a Instituição valoriza sim os saberes trazidos pelos alunos, citando inclusive situações em que isso ocorre, conforme relato do professor 04 que afirma:

“Sim, apesar de ainda termos algumas dificuldades de aproveitamento dessas experiências trazidas pelos alunos, o IFAM Zona Leste vem valorizando essas experiências no sentido de propiciar oportunidades de participação dos mesmos em alguns projetos desenvolvidos por este Instituto, aproveitando para tal, alguns conhecimentos preconcebidos pelos mesmos.”

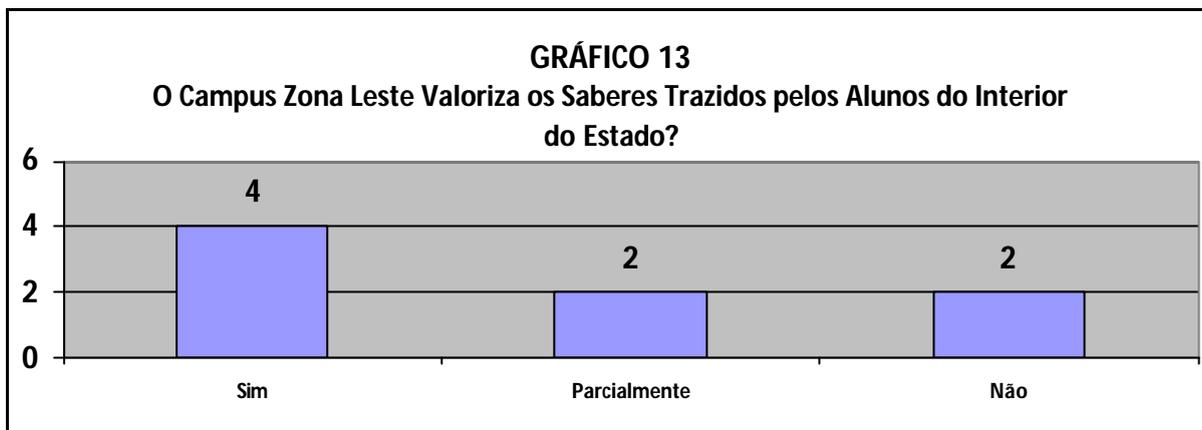
Outros professores afirmam que a Escola valoriza parcialmente as experiências e os conhecimentos dos alunos, conforme pode ser notado no relato do Professor 08:

“Em alguns aspectos sim e em outros não. No tocante a algumas habilidades, o IFAM não faz nada para desenvolver esses conhecimentos e experiências desses alunos. Algumas ações isoladas, partindo da boa vontade e dedicação de alguns professores e servidores, mas não é nenhum projeto institucional da Escola. Na parte esportiva, procuro cada vez mais incentivá-los e valorizá-los, trabalhando juntos desde o início do ano letivo, para que possamos desenvolver suas habilidades e saberes.”

Temos ainda professores que dizem não existir valorização por parte da Instituição sobre os saberes e experiências trazidos pelos alunos que chegam até a Escola:

“Não, pois são poucas oportunidades oferecidas para que o aluno possa melhorar os seus saberes.” (Professor 03)

Observe no gráfico abaixo o detalhamento das opiniões dos professores acerca da valorização que o Campus Zona Leste faz dos conhecimentos e saberes dos alunos:



Na questão 08 procurou-se explicitar situações do cotidiano escolar que evidenciassem as opiniões dos docentes. Desse modo, as respostas fornecidas para a oitava questão vêm confirmar suas respostas dadas para a questão 07 e descrever o que efetivamente ocorre na Escola, conforme suas opiniões. Como se referem a opiniões particulares, transcreveremos todas as respostas dadas à referida questão.

DOCENTE	Questão 08 - Você poderia relatar situações que confirmem sua opinião?
Professor 01	Alunos que são escolhidos para cuidar nos fins de semana na horta.
Professor 02	1 - A higienização das instalações dos animais é vista como serviço braçal, mas tem que ser realizado. 2- Castração de animais, suas técnicas são inadequadas e muitos não desejam participar porque vão impregnar-se com o odor dos animais. 3 - Construção do aprisco, ano 1997, foi essencial a participação dos alunos por ocasião da ministração da disciplina.
Professor 03	Para desenvolver uma atividade cultural, esportiva ou científica não se tem apoio, nem de recurso humano ou financeiro.
Professor 04	Projeto PIBIC, onde alguns alunos, sob orientação de nossos profissionais tem desenvolvido projetos em áreas de interesse da sociedade.
Professor 05	Em alguns eventos que ocorrem no IFAM, pude observar que a experiência de vida de ex-alunos foram determinantes para que a vida estudantil fosse determinante no sucesso profissional destas pessoas.
Professor 06	Na abertura dos jogos escolares, as olimpíadas, representando municípios, aulas práticas de processamento de alimentos, frutas, mandioca, et... Os saberes são aproveitados para o enriquecimento mútuo.
Professor 07	As experiências dos alunos trazidos do interior só são relatados em exemplos em sala de aula, quando o professor aborda determinado assunto. Deveria acontecer um evento para esse fim, coordenado pelo IFAM.
Professor 08	Já vi muitos ex-alunos e alunos como excelentes desenhistas, músicos, pintores, marceneiros, cabeleireiros, poetas, artesãos, que entram e saem da escola a cada ano e são talentos perdidos, pois a escola não possui nenhum projeto para eles.

Quadro 05 – Respostas a questão 08 do questionário aplicado aos professores

Na nona e última questão, perguntamos aos professores se os mesmos já se envolveram em algum programa que valorizava os saberes, conhecimento e experiências dos alunos da Escola. Seis professores responderam que direta ou indiretamente já participaram de programas de valorização dos saberes e experiências dos estudantes. Dois docentes afirmaram nunca ter participado de qualquer atividade nesse sentido. Destacamos a resposta de alguns professores a esta questão:

“Não dentro de um programa formal, mas diariamente na troca de informações entre aluno e professor, o que, em minha opinião, favorece o processo de ensino-aprendizagem.”
(Professor 04)

“Não foi um programa, mas como dito anteriormente sobre a construção do aprisco em que todos os alunos naqueles anos de 1997 e 98 participaram com suas experiências e saberes na execução das atividades.” (Professor 02)

Os questionários aplicados junto aos alunos e professores da Instituição foram instrumentos de grande valia para nos aproximarmos dos propósitos desta pesquisa. Ao analisarmos as informações obtidas pelas respostas dadas por docentes e discentes, iniciou-se em nós um clareamento sobre o modo como o Campus Zona Leste trata da questão que é objeto de estudo desta pesquisa.

Começa então a tomar forma, o entendimento de como o Campus Zona Leste do IFAM trata dos saberes, das experiências e das vivências que seus alunos trazem ao chegar à Escola. Completaremos a pesquisa com a análise dos documentos de organização de ensino do Campus Zona Leste, o que veremos a seguir.

6.2. Dados obtidos pela Análise de Documentos Institucionais

Para a realização desta parte da pesquisa, buscamos junto à Coordenação Geral de Ensino do Campus Zona Leste, todo o registro escrito que tratasse sobre os conteúdos e as práticas de ensino desenvolvidas pela Escola.

Procuramos o Projeto Político Pedagógico da Escola, a Grade Curricular e as Ementas das disciplinas do curso médio técnico integrado em Agropecuária. Consultamos também os diários de classe de algumas disciplinas do curso.

Na busca por estes documentos, deparamo-nos com uma realidade que, acredito, seja responsável por muito dos depoimentos de alunos e professores quando afirmam que a Escola enquanto instituição, não promove a valorização dos saberes e experiências de seus alunos. A realidade de que a escola tem pouquíssimos registros sobre suas práticas. Contanto ainda com a situação de que os registros que possui estão em estado de desorganização.

Iniciando pelo Projeto Político Pedagógico que a Escola efetivamente não possui, conforme é citado em seu PDI que afirma: “Atualmente, a EAFM não possui PPP, sendo essa nossa meta durante a vigência deste Plano de Desenvolvimento Institucional, construí-lo” (EAFM, 2007, p.9). O que existe é uma proposta pedagógica elaborada por um Diretor de Ensino, a qual nunca foi discutida e conseqüentemente nunca foi aprovada. Isso leva-nos a conclusão de que o Campus Zona Leste não possui uma política de Ensino. Se não tem política de ensino, não tem programas que tratem de quaisquer aspectos de formação.

Outra falha grave está nas ementas das disciplinas que compõem o curso integrado. Ao buscarmos esses documentos, descobrimos que grande parte das disciplinas não tem ementa; ou seja, não possui um conteúdo padrão a ser seguido. Se as disciplinas não possuem uma

ementa que as oriente, conclui-se que os professores trabalham os conteúdos conforme considerem válido, seguindo seus próprios critérios para definição do que ensinar.

Outra implicação dessa falta de ementa para as disciplinas do curso é o fato de que não há verificação do que está sendo ensinado, ou seja, se não existe um conteúdo conceitual que deve ser trabalhado durante as aulas, não há como verificar se o que está sendo ensinado está dentro dos propósitos de formação ou não.

No entanto, juntamos alguns documentos que nos ajudaram a compreender um pouco sobre a organização pedagógica da Escola. Dentre os documentos coletados, fizemos a análise do Plano de Desenvolvimento Institucional, das grades curriculares que organizaram o curso, dos diários de classe de 15 professores e dos calendários acadêmicos dos anos de 2007, 2008 e 2009. Sobre estes documentos escreveremos a seguir.

No PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional, que foi construído em 2007, encontramos pouca informação que indique haver uma preocupação institucional em valorizar os saberes regionais. No capítulo que fala sobre Princípios Metodológicos (EAFM, 2007), fala-se sobre interdisciplinaridade, flexibilidade e intencionalidade. No entanto, percebe-se no documento que se trata apenas de conceitos, de fundamentação teórica. Não observamos nesse documento balizador um posicionamento que demonstre um compromisso institucional em fazer valer esses princípios.

Nos diários de classe aos quais tive acesso, encontramos na descrição das práticas docentes uma verdadeira variedade de posturas. Diários em que não era possível ver claramente os pressupostos da disciplina, quais foram as atividades realizadas, nem a correlação dos conteúdos com a proposta curricular para aquela disciplina.

De outro modo, encontrei também diários com bastante coerência nos conteúdos e nas práticas ministradas, inclusive demonstrando a participação de alunos no relato de experiências com o conteúdo. Esse tipo de observação foi mais comum nas disciplinas do ensino técnico. Não citaremos nomes nem anexaremos os diários analisados por questões éticas.

Analisando os calendários escolares de 2007, 2008 e 2009 (em anexo), não identificamos qualquer proposta de atividades voltadas ao estímulo ou mobilização de ações visando a valorização das características regionais dos alunos. Exceção feita às Olimpíadas Agrícolas, onde anualmente ocorre a abertura dos jogos e trata-se de uma programação que costumeiramente é oportunizado aos alunos expressar suas qualidades artísticas e culturais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída a aplicação e a análise dos instrumentos da pesquisa, somado a vivência que tivemos dentro da instituição que foi foco de nosso estudo, chegamos a um entendimento mais objetivo acerca da maneira como o Campus Zona Leste do IFAM trata da questão da valorização das trajetórias, dos saberes e das experiências de seus alunos.

Agora ciente dos fatos e munido de dados, podemos apresentar algumas considerações relativo ao que pesquisamos, conforme veremos a seguir:

A Questão Inicial

Iniciamos esta pesquisa procurando saber se o Campus Manaus Zona Leste do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas valorizava ou não os saberes, as trajetórias e as experiências dos alunos que chegavam à Escola, oriundos dos municípios do interior do Estado.

Desejando saber disto, adentramos na intimidade da instituição conversando com alunos e professores, lendo e analisando documentos para enfim formarmos uma idéia do que ocorre na Escola. Desse modo, chegamos às seguintes conclusões:

a) A primeira conclusão que temos é a de que o Campus Manaus Zona Leste, enquanto instituição de Ensino, não valoriza os saberes e experiências que seus alunos trazem para a Escola. Afirmamos assim por observar que a instituição não se mobiliza para este propósito. A Escola não possui um planejamento que a mobilize a alcançar este ou outros objetivos que estejam além da formação técnica profissionalizante. Analisando os calendários acadêmicos (cópia em anexo) dos últimos anos, percebemos que não havia qualquer proposta de programas ou atividades que se voltassem para este fim.

Percebemos pelos depoimentos de alunos e professores que não lhes falta somente apóio, mas falta também um plano, uma linha mestra que guie as atividades da escola para programas específicos, que ofereça aos alunos algo mais do que uma formação técnica.

A falta de um Projeto Político Pedagógico, a inexistência de ementas em algumas disciplinas dão a dimensão do quanto a escola está sem estratégia de ensino.

O preocupante disto é que a Escola não perde somente pelo desperdício dos conhecimentos e saberes dos alunos. O que preocupa é o fato de se promover indiretamente estigmas emocionais, pois o Campus Zona Leste é um ambiente de diversidade. E quando não se valoriza o diverso, este pode ser visto como desprezível e sem significado. Os estudantes deixam suas cidades e procuram formação na capital. É possível que ao chegarem à Escola estes alunos sintam-se intimidados, envergonhados por terem a origem que tem. Valorizando os saberes, valorizando as histórias e as vivências desses alunos, acreditamos que preconceitos seriam evitados.

Felizmente a Escola tem encontrado meios, mesmo que pareça não ter rumo, para que os alunos desenvolvam valores apreciáveis, como pôde ser visto nas respostas às questões 13 e 17 do questionário aplicado aos alunos. Pelo relacionamento que temos com estes alunos, como resultado de nossa atuação profissional, temos percebido que os preconceitos vão sendo superados pela convivência de tempo integral a que estão sujeitos. O fato de partilharem alojamentos e refeições os aproxima, os identifica, diminuindo assim as diferenças sociais e pessoais que lhes são próprios.

b) Uma segunda conclusão que temos é a de que o Campus Zona Leste possui profissionais técnicos e docentes, que valorizam e fazem uso dos saberes e das vivências de seus alunos ao ministrarem suas aulas e ao desenvolverem atividades diversas de ensino.

O que percebemos pela análise dos questionários aplicados aos alunos e professores, e fundamentalmente pelos relatos obtidos nas entrevistas com grupos de alunos, é que a Escola possui um pequeno grupo de professores que, por iniciativa própria, utilizam de todo o conhecimento e experiência que seus alunos possuem.

O que observamos nos relatos é que estes professores assim fazem por terem em mente que dessa forma terão melhor proveito, tanto para si quanto para seus alunos. Não valorizam os conhecimentos dos alunos por intermédio de um estímulo institucional ou por se tratar de um programa da Escola. Fazem por acreditarem que deve ser feito assim.

Em resposta à questão inicial, podemos concluir que o Campus Manaus Zona Leste pouco valoriza os saberes e as experiências dos alunos que lá estudam. E quando o faz, é por meio de iniciativas esporádicas e individuais de alguns poucos professores e técnicos, e não como um objetivo ou programa institucional.

A Instituição

Em nossas considerações entendemos que seja importante relatar também sobre o ambiente institucional, considerando o que foi dito sobre a Escola nos parágrafos anteriores.

Observando e vivenciando o Campus Manaus Zona Leste, percebemos que ele encontra-se dividido a respeito de sua função e sua finalidade. Alguns professores desejam uma escola que capacite seus alunos para alcançarem objetivos de formação maiores, tornando-os aptos para o nível superior. Outros, no entanto, percebendo a limitação decorrendo de uma formação básica cheia de falhas, entendem que a Escola deve profissionalizar seus alunos, chegando inclusive a criticar aqueles que ingressam na instituição em busca de um ensino público de melhor qualidade e que lhes possibilitem maiores chances de ingresso na universidade.

Tendo como orientação para elaboração de seus currículos a Lei 5.154/2004, a Escola propõe-se a desenvolver um ensino integrado, promovendo a articulação entre o ensino técnico profissionalizante aliado aos conteúdos do ensino médio.

Entretanto, percebemos que nas suas práticas, nos seus projetos e nas suas discussões, o ensino integrado é algo inexistente no Campus Manaus Zona Leste. Comparamos a Escola a uma carruagem em que seus cavalos puxam para destinos diferentes, cada um procurando seu próprio caminho, cada um fazendo seu próprio trajeto. Os encontros interdisciplinares são raros e pouco estimulados.

É intrigante afirmar, mas o ensino realizado assemelha-se a uma linha de produção do modelo Taylorista, em que cada um faz sua parte, mas ninguém tem idéia do resultado final.

Há 68 anos o Campus Zona Leste vem formando profissionais para atender ao setor primário do Amazonas e Região Norte. Nesse período muitas transformações ocorreram dentro e fora da Instituição. Bem ou mal, a Escola tem fornecido profissionais que constroem a histórica agrícola no Amazonas. Entretanto, surge um inevitável questionamento: O Campus Zona Leste vem atendendo às necessidades de formação profissional para o Estado do Amazonas? Ou essa Escola tem cumprido o papel de reproduzir as ideologias dos governantes que passaram e que passam por nosso país?

Nossa preocupação não é o de que a Escola venha sendo usada como instrumento ideológico. Nossa preocupação é o de que a Escola não saiba qual seu papel e esteja seguindo sem rumo ou direção. Se esta for a resposta, temos muito que temer.

Assim como houve os Decretos 2.208/97 e 5.154/2004; tivemos ainda as reformas trazidas pelas Leis 5.692/71 e 9.394/96 e certamente haverá de surgir novas leis e novos decretos. Ainda assim, a história da *Agrotécnica de Manaus* se constituirá. Somos uma Escola antiga, mas somos também uma Escola caduca que quase não recorda do seu passado, pois não aprendeu a registrar seus atos. Somos uma Escola antiga, mas também somos uma escola imatura, pois não codificamos nossos princípios e valores. Os 68 anos infelizmente não

podem ser entendidos como sinônimo de segurança e de capacidade, pois nossas práticas têm deixado espaço para atitudes infantis e irresponsáveis. Essas atitudes infantis dão a dimensão do quanto podemos estar sem rumo.

E quais as conseqüências dessa desorientação? Infelizmente todo nosso erro cairá sobre a sociedade. Ao aderirmos a uma formação produtivista, estamos contribuindo para a formação de indivíduos limitados nas suas expectativas e nas suas potencialidades. Contribuímos para a idéia de que o homem do campo é rude, limitado e incapaz. Conservamos o ideal de que a universidade é para aqueles que tiraram a sorte grande de nascer nos grandes centros urbanos.

Acreditamos que é possível sim, formarmos cidadãos plenos em nossas Escolas de formação profissional. Formar indivíduos com a capacidade de re-significar sua origem, valorizando seu habitat e construindo lá uma condição de dignidade e sustentabilidade, sem ter que se deslocar para as metrópoles em busca do desconhecido.

Por fim, acreditamos que a educação profissional pode e deve contribuir para a formação de uma sociedade mais igualitária, de uma maneira em que as escolas profissionalizantes não sejam uma entrada com uma única saída, mas que oportunize a todos que ali ingressam as mais diversas possibilidades.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Jaime C. **Relação trabalho e educação no ensino profissionalizante na escola agrotécnica federal de Manaus**. 2008. [MIMEO].

BOMFIM, Sócrates. **Um esboço da vida amazônica**. 2ª. Edição. Manaus: Editora Valer/Edições da Academia, 2008. 88p.

BRANCO, Samuel. **O Desafio Amazônico**. 3º. Edição. São Paulo: Moderna, 2004.

BRASIL. **Decreto Federal nº 2.208, de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o parágrafo 2º do art. 36 e os artigos 39 a 42 da Lei Federal n. 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Educação Profissional: Legislação Básica*. Brasília, DF: SEMTEC, 2001. Disponível em: http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/d2208_97.htm. Acesso em 23 de maio de 2009.

BRASIL. **Decreto Federal nº 5.154 de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm. Acesso em 23 de maio de 2009.

BRASIL. **Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, Cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e da Outras Providencias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm. Acesso em 23 de maio de 2009.

BRITO, Rosa Mendonça de. **O homem amazônico em Álvaro Maia: um olhar etnográfico**. Manaus: editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001. 114 p. (série: Em busca da Identidade Regional).

CECILLINI, Graça. Conhecimento científico e conhecimento escolar: aproximações e distanciamentos. In: CECILLINI, Graça (Org); NOGUEIRA, Sandra (Org). **Educação Escolar – políticas, saberes e práticas pedagógicas**. Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 37-66.

CHAVES, Flávio; BATTISTI, Elisa. **Cultura Regional – língua, história, literatura**. Caxias do Sul: Educs, 2004. 138p.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar. Curitiba: Editora UFPR, nº 24, p.213-225, 2004.

EAFM. **Plano de Desenvolvimento Institucional da Escola Agrotécnica Federal de Manaus**. Manaus, 2007. 104p.

FONSECA, Selva. Saberes da experiência, histórias da vida e formação docente. In: CECILLINI, Graça (Org); NOGUEIRA, Sandra (Org). **Educação Escolar – políticas, saberes e práticas pedagógicas**. Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 85-102.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 93p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise; **Educação Profissional e Desenvolvimento**. In: Vários. Centro Internacional de Educação Técnica e Profissional. UNESCO, [200-].

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. 2ª. Edição. Manaus: editora Valer, 2007. 340p. (série: Memórias da Amazônia).

IBGE. **População residente em 1º de abril de 2007**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem.pdf>. Acesso em 29 de agosto de 2009.

LIBÁNEO, José. Psicologia educacional: uma avaliação crítica. In: LANE, Silvia (Org); CODO, Wanderley (Org). **Psicologia social: o homem em movimento**. 9ª. Edição. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 154-180.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99p.

MARTINS, Heloisa H. T. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MAUÉS, Olgaíses; GOMES, Elenilce; MENDONÇA, Fernanda. **Políticas para a educação profissional média nos anos 1997-2007**. **Trabalho & Educação**. Vol. 1 – jan./abr. 2008. p. 109-120.

NOGUEIRA, Sandra; CORREIA, Wilson. Reflexões epistemológicas sobre os desafios curriculares emergentes. In: CECILLINI, Graça (Org); NOGUEIRA, Sandra (Org). **Educação Escolar – políticas, saberes e práticas pedagógicas**. Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 9-36.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PNAD 2007. **Suplementos: Características Complementares da Educação de Jovens e Adultos e Características da Educação Profissional**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=am&tema=pnad_supledu_2007. Acesso em 29 de agosto de 2009.

PULASKI, Mary Ann S. **Compreendendo Piaget – uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986. 223p.

SOUZA, Mériti de. De como (des)colonizar corações e mentes ou modos de conhecer e de subjetivar nas práticas de produzir e disseminar o conhecimento. In: COSTA, Adriana (Org). **Lugares, sujeitos e conhecimentos: a prática docente universitária**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. p.57-74.

BIBLIOGRAFIA DE APÓIO:

AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60**. Manaus: editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2002. 166p. (série: Em busca da Identidade Regional).

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros passos; 318), 2006.

BRASIL, MEC. **Educação Profissional. Legislação Básica**. Ministério da Educação, 5º. ed. Brasília, 2001.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Cadernos de Pesquisa, PUC-RIO. n° 115. março/2002. p.139-154.

FEIJOO, Ana M.L.C de. **A pesquisa e a estatística na psicologia e na educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

ISKANDAR, Jamil I. **Normas da ABNT – comentadas para trabalhos científicos**. 2. ed. (ano 2003). Curitiba: Juruá, 2007.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **Súmula de história do Amazonas**. 3ª. Edição. Manaus: editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001. 96p. (série: Poranduba)

RUDIO, F.V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

9. ANEXOS

Anexo A – Grade Curricular 2002

Anexo B – Grade Curricular 2004

Anexo C – Questionário alunos

Anexo D – Questionário professores

Anexo E – Calendário Acadêmico 2005

Anexo F – Calendário Acadêmico 2006

Anexo G – Calendário Acadêmico 2009

Anexo H – Calendário de Atividades e Eventos 2006

ANEXO B



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA
ESCOLA AGROTECNICA FEDERAL DE MANAUS
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DE AGROPECUARIA - 2004

BASES	DISCIPLINAS	BASE NACIONAL COMUM						C/H TOTAL	FORMAÇÃO PROFISSIONAL	1ª SÉRIE E	2ª SÉRIE E	3ª SÉRIE E	C/H TOTAL
		1ª SÉRIE			3ª SÉRIE								
		A/S	A/S	C/H	A/S	A/S	C/H						
NUCLEO COMUM	Lingua Portuguesa/Literatura	04	04	160	04	04	160	480	Avicultura de Corte e Postura	80	H/A	H/A	80
	Matemática	03	03	120	03	03	120	360	Solos	100	-	-	100
	Lingua Estrangeira(Ingles)	02	02	80	02	02	80	240	Olericultura	100	-	-	100
	Quimica	03	02	80	02	02	80	280	Mecanização Agrícola	80	-	-	80
	Artes	02	-	-	-	-	-	80	Permacultura	40	-	-	40
	Fisica	03	02	80	02	02	80	280	Manejo de Pragas	-	60	-	60
	Geografia	02	02	80	02	02	80	240	Topografia	-	70	-	70
	História	02	02	80	02	02	80	240	Suínocultura	-	70	-	70
	Educação Física	02	02	80	02	02	80	240	Piscicultura	-	70	-	70
	Biologia	02	02	80	02	02	80	240	Fruticultura	-	70	-	70
	Filosofia	-	02	80	-	02	80	80	Construções Rurais	-	70	-	70
	Sociologia	-	02	-	-	-	-	80	Fornalheira e Pastagem	-	50	-	50
	Ec. Política	-	02	80	02	02	80	160	Bovinocultura de Corte e Leite	-	100	-	100
	Subtotal	16	19	26	1.000	3.000	3.000	Caprinocultura e Ovinocultura	-	-	50	50	
DIVERSIFICADA	Informática	02	-	-	80	100	80	100	Equino e Bubalino	-	-	60	60
	Desenho Técnico	02	-	-	80	100	80	100	Gestão I	-	-	80	80
	Agricultura Geral	03	-	-	120	120	120	120	Gestão II	-	-	100	100
	Zootecnia Geral	03	-	-	120	120	120	120	Processamento de Carne e Pescado	-	-	100	100
	Introdução a Agroindústria	03	-	-	80	120	80	120	Culturas Anuais	-	-	70	70
	Recursos Aquáticos	02	-	-	80	80	80	80	Processamento de Leite	-	-	100	100
		02	-	-	-	80	80	80	Processamento de Frutas	-	-	100	100
	Subtotal	13	-	-	560	720	560	720	Microbiologia	-	-	30	30
									Silvicultura	-	-	60	60
									SAF's	-	-	180	180
TOTAL PARCIAL		29	19	26		3.720	3.720	Subtotal	400	410	1.080	1.790	
TOTAL GERAL								Estágio Supervisionado	-	-	200	5.510	

OBS. A carga horária da ATU, ZOOT, AGROIN. e REPAC são ministradas nas atividades de Campo.

ANEXO C



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

QUESTIONÁRIO - ALUNO

IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: ()
Masc () Fem

Município de Origem:

Turma:

LEVANTAMENTO DE DADOS DE APTIDÃO TÉCNICA:

01. Fale um pouco sobre seu município de origem, sobre a cidade onde você nasceu e viveu.

02. Você saberia dizer qual é a principal atividade econômica do seu município?

03. Qual a atividade profissional de seus pais e irmãos?

04. Você contribuía para o sustento da família realizando alguma atividade produtiva?

05. Você tem habilidades em quais atividades de produção de renda?

06. Você veio para a Escola Agrotécnica da Manaus para aperfeiçoar estas habilidades?

07. Em algum momento do curso a Escola acolheu as suas experiências e habilidades, seja nas aulas ou em atividades práticas?

08. Você conseguiria identificar alguns professores ou disciplinas que aproveitam dos conhecimentos e experiências dos alunos?

LEVANTAMENTO DE DADOS DE APTIDÃO CULTURAL

09. Fale sobre as principais manifestações culturais de seu município, tais como danças, artesanato, música, etc.

10. Você tinha algum envolvimento nessas atividades.

11. Em algum momento a Escola aproveitou de suas habilidades culturais, seja nas aulas ou em programas especiais?

12. Você conseguiria identificar alguns professores ou disciplinas que aproveitam dos conhecimentos, habilidades e talentos dos alunos, tais como dança, pintura, artesanato, música, etc?

LEVANTAMENTO DE DADOS SUBJETIVOS

13. Você poderia dizer se a Escola Agrotécnica interferiu no seu jeito de ser, mudando ou influenciando seu comportamento?

14. Se a resposta for afirmativa, diga quais os aspectos de seu comportamento mais foram modificados?

15. Se houve mudanças, essas mudanças foram positivas ou negativas?

16. Você destacaria algum professor ou disciplina que mais influenciou na mudança do seu jeito de ser?

17. Você poderia dizer se a Escola acrescentou ou despertou algum valor na sua vida, tal como respeito, honestidade, organização, limpeza, etc.

18. Você poderia dizer se a escola contribui para a formação de vícios ou comportamentos inadequados dos alunos?

ANEXO D



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

QUESTIONÁRIO - PROFESSOR

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Idade:

Sexo:

Disciplinas que ministra:

Tempo de serviço no IFAM Zona Leste:

LEVANTAMENTO DE DADOS DE ATUAÇÃO:

01. Fale um pouco sobre as disciplinas em que você trabalha.

02. Ao trabalhar essas disciplinas, você procura aproveitar os conhecimentos e experiências dos alunos nos assuntos ministrados?

03. Qual o valor que você dá aos saberes trazidos pelos alunos oriundos do interior do Estado? Você faz uso desses saberes nas suas aulas?

04. Em sua opinião, os conhecimentos e experiências que os alunos do interior trazem podem influenciar de alguma forma nas aulas?

05. Quais as principais aptidões técnicas que você observa nos alunos do interior do Estado?

06. Você observa aptidões artísticas nos alunos que tem origem no interior do Estado?

07. Em sua opinião, o IFAM Zona Leste valoriza adequadamente os saberes, as trajetórias e as experiências trazidas pelos alunos que chegam à Escola?

08. Você poderia relatar situações que confirmem sua opinião?

09. Você já se envolveu em programas de valorização dos saberes e experiências dos alunos dentro da Escola?

ANEXO E

MINISTERIO DA EDUCACAO
ESCOLA AGROTECNICA FEDERAL DE MANAUS
 End: Av. Cosme Feresira, 3045 - São José Operário, CEP 69 083-000
 Fone: (092) 3618 3121 E-Mail: eafmanaus@eafmanaus.gov.br



C A L E N D A R I O L E T I V O 2 0 0 5

MES	DIAS																															DIAS LET.
	F	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
Janzeiro	S	D	RE	RE	RE	RE	RE	S	D	RE	RE	RE	RE	RE	S	D	RE	RE	RE	RE	RE	S	D	RE	RE	RE	RE	RE	S	D	RE	-
Fev.	RE	PP	PP	PP	S*	D	RE	RE	RE	ADP	ADP	S*	D	ABR.	ABR.	-	-	-	-	S	D	-	-	-	-	S	D	-	-	-	17	
Mar.	-	-	-	-	S*	D	-	-	-	-	-	S*	D	-	-	-	-	-	S*	D	-	-	-	-	-	F	S	D	-	-	21	
Abril	S	D	-	-	-	DST	DST	S*	D	-	-	-	-	-	S*	D	2º EBM.	-	-	-	F	RE	S	D	-	-	-	-	-	S*	-	21
Maió	D	-	-	CA	CC	CP	1º EBM	D	-	-	-	-	S*	D	-	-	-	-	-	S*	D	-	-	-	-	F	-	CR	S	D	-	23
Junho	-	-	-	S*	D	-	-	-	-	-	S	D	-	-	-	-	FJ	S	D	-	-	-	-	-	-	S	D	RE	RE	RE	-	17
Julho	RE	S	D	RE	RE	RE	RE	RE	S	D	S*	D	-	-	-	-	S	D	-	CA	CC	CP	2º EBM	D	-	-	-	-	-	S*	D	17
Agosto	-	-	-	-	-	S	D	-	-	-	E	-	S	D	-	-	-	-	-	S*	D	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25
Set.	-	-	S	D	F	PF	F	-	-	-	S	D	-	-	-	-	S	D	-	CA	CC	CP	3º EBM	D	-	-	-	-	-	-	-	20
Out.	1º Fg S	Fg S	Fg S	D	-	-	-	S*	D	-	-	-	-	-	S	D	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20
Nov.	-	F	-	-	S	D	-	-	-	-	-	S	D	RE	F	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21
Dez	RE	RE	S	D	RF	RF	RF	F	RF	RFS	D	RF	RF	RF	RF	S	D	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20

M* - Início da matrícula dos alunos novatos
 TNP* - Término de matrícula
 PP - Planejamento Pedagógico
 S - Sábado
 D - Domingo
 F - Feriado
 S* - Sábado Letivo
 RE - Recurso Escolar
 PF - Ponto Facultativo
 RF - Recuperação Final

CA - Conselho de Aluno
 CC - Conselho de Classe
 DE - Dia do Estudante
 DP - Dia da Pedreira
 ES - Exame de Seleção
 EC - Exatidão
 IAL - INÍCIO DO ANO LETIVO
 AA - REPRESENTAÇÃO DE ALUNOS
 TAL - TÉRMINO DO ANO LETIVO

RPM - Reunião Pais e Mestras
 21 - 25/03 Semana da Poesia
 01, 04/06 Semana do Meio Ambiente
 17/06 - Festa Junina
 17/04 - Aniversário da EAFM
 11/08 Dia do Estudante
 12/10 - Dia da Pedreira do Brasil
 28/10 - Funcionalismo Público
 01 a 04/09 - FEPAGRO

TOTAL DE DIAS LETIVOS = 202
 02/02 - Início do 1º EBM - 51 dias letivos
 15/04 - Início do 2º EBM - 49 "
 11/07 - Início do 3º EBM - 51 "
 20/09 - Início do 4º EBM - 51 "
 15/10 - Dia do Professor
 22/12 - Colação de Grau Festa de Formatura

ANEXO F

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA AGROTECNICA FEDERAL DE MANAUS
 End.: Av. Cosma Ferraz, 8045 - São José Operário. CEP 69.083-000.
 Fone: (092) 3618 5121 E-Mail: esfm Manaus@esfmmanaus.gov.br



CALENDÁRIO LETIVO - 2006

MÊS	DIAS																															DIAS LET.		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31			
Jan	D	RE	RE	RE	RE	RE	S	D	RE	RE	RE	RE	RE	S	D	RE	RE	RE	RE	RE	S	D	RE	RE	RE	RE	RE	S	D	RE	RE	RE	RE	-
Fev.	LAL	M*	*	S*	D	ADP	ADP	ADP	S*	D	IA	*	*	*	TM*	*	*	S	D	*	*	*	*	RE	S	D	S	D	RE	RE	RE	RE	RE	-
Março	à tarde	*	*	S	D	*	*	*	S*	D	*	*	*	*	EP	*	*	S*	D	*	*	Reunião Condor	*	*	*	S*	D	*	*	*	*	*	EP	23
Abril	S*	D	*	*	*	*	1ª RPM S*	D	*	*	*	F	S*	D	2ª Bim RP*	*	*	*	S	D	S	D	*	*	*	*	*	EP	*	*	S*	D	*	19
Mai	F	*	*	*	S	D	*	*	*	*	S*	D	EP	*	*	Cargos Condor	*	*	S	D	*	*	Reunião Condor	*	*	*	S*	D	*	*	*	EP	21	
Junho	S	D	RE	RE	RE	RE	RE	S	D	RE	RE	RE	RE	RE	S	D	3ª Bim RP*	*	*	*	S	D	*	*	*	*	*	*	*	2ª RPM S	*	*	14	
Agosto	*	*	*	S	D	RE	RE	*	*	*	F	S	D	EP	*	*	EP	*	S	D	*	*	Reunião Condor	*	*	*	S	D	*	*	*	EP	23	
Setemb.	*	S	D	RE	RE	RE	RE	F	RE	S	D	*	*	*	EP	*	EP	S	D	*	*	*	S	D	*	*	*	4ª Bim RP*	*	*	*	EP	17	
Out	D	*	*	*	*	*	3ª RPM S*	D	*	*	*	PB	*	S	D	EP	*	*	*	*	S	D	*	*	F	*	*	*	*	S	D	*	EP	21
Novemb.	*	F	RE	RE	S*	D	*	*	*	*	S	D	*	*	F	EP	*	*	S	D	*	*	Reunião Condor	*	*	*	S	D	*	*	TAL	*	20	
Dezemb.	RF	S	D	RF	RF	RF	RF	F	S	D	RF	RF	RF	RF	RF	S	D	RF	CG	PP	PP	RE	S	D	PP	PP	PP	PP	RE	RE	S	D	=101	

M* - Início da matrícula dos alunos novatos
TM* - Término de matrícula
PP - Planejamento Pedagógico
S - Sábado
D - Domingo
F - Feriado
S* - Sábado Letivo
RE - Recurso Escolar
PP - Ponto Facultativo
RF - Recuperação Final

CA - Conselho de Aluno
CC - Conselho de Classe
DE - Dia do Estudante
DP - Dia da Pedreira
PPS - Prova do Processo Seletivo
EC - Extra-classes
IAA - INÍCIO DO ANO LETIVO
AA - APRESENTAÇÃO DE ALUNOS
TAL - TÉRMINO DO ANO LETIVO
RPM - Reunião Pais e Mestres
RP - REUNIÃO PEDAGÓGICA

19/11 - Prova do PROCESSO SELETIVO
 19/04 - Aniversário da EAFM
 De 18 a 20/06 - Eventos do Conselho de Química
 01 a 03/06 - Semana do Meio Ambiente
 09/06 - Festa Junina
 02 a 06/10/06 - JOCAM
 11/08 - Dia do Estudante
 12/10 - Dia da Pedreira do Brasil
 28/10 - Funcionalismo Público
 www.esfmmanaus.gov.br - FEPAGRO

TOTAL DE DIAS LETIVOS = 203 ENTREGA DE NOTAS:
 02/02 - Início do 1º Bim, - 53 dias letivos Do 1º Bim, 18/04
 17/04 - Início do 2º Bim, - 48 " Do 2º Bim, 13/07
 13/07 - Início do 3º Bim, - 50 " Do 3º Bim, 03/10
 27/09 - Início do 4º Bim, - 51 " Do 4º Bim, 07/12
 15/10 - Dia do Professor
 19/12 - Colação de Graus/Festa de Formatura.
 13/03 - Sorteio para Abertura das Olimpíadas
 17 a 22/09 - II Olimpíada Agrícola

REUNIÃO DO CONDOR: 21/03, 23/05, 22/08 e 21/11/06.

ANEXO H



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE MANAUS

End: Av. Cosme Ferreira, 8045 - São José Operário.

CEP 69.083-000. Fone: (092) 3618-5121 E-Mail: eafmanaus@eafmanaus.gov.br

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

CALENDÁRIO DE ATIVIDADES E EVENTOS - 2006

01 de fevereiro – Início do Ano Letivo.

De 06 a 11 – Adaptação da 1ª Série.

13 de fevereiro – Início das aulas.

09 de março – Sorteio para Abertura das Olimpíadas Agricolina.

19 de abril -Aniversário da EAFM.

08 de abril - 1ª Reunião Pais e Mestres.

De 01 a 03 de junho - Semana do Meio Ambiente.

17 de junho - Festa Junina.

De 18 a 20 de junho Eventos do Conselho de Química.

22 de julho – 2ª Reunião Pais e Mestres.

De 28 de junho a 12 de julho – RECESSO ESCOLAR.

11 de agosto - Comemoração do Dia do Estudante.

De 17 a 22 de setembro – II Olimpíada Agrícola.

De 02 a 06 de outubro – JOCAM.

12 de outubro – Dia Padroeira do Brasil (N. Senhora Aparecida).

15 de outubro - Dia do Professor.

28 de outubro - Funcionalismo Público.

07 de outubro – 3ª Reunião Pais e Mestres.

De 11 de setembro a 11 de outubro - inscrição do PROCESSO SELETIVO 2007.

1º a 05 de novembro - FEPAGRO

04 de novembro – Encontro de Egressos

19 de novembro – Prova do PROCESSO SELETIVO.

19 de dezembro - Colação de Grau/Festa de Formatura.

07 de dezembro – 4ª Reunião Pais e Mestres.

07 de dezembro – Término do Ano Letivo.

De 11 a 16 de dezembro - RECUPERAÇÃO FINAL.

TOTAL DE DIAS LETIVOS = 203

01 de fevereiro - Início do 1º Bimestre - **53 dias letivos**

17 de abril - Início do 2º Bimestre	-	48	"	"
13 de julho - Início do 3º Bimestre	-	50	"	"
27 de setembro - Início do 4º Bimestre	-	51	"	"

ENTREGA DE NOTAS:

Do 1º Bimestre 18 de abril.

Do 2º Bimestre 13 de julho.

Do 3º Bimestre 03 de outubro.

Do 4º Bimestre 07 de dezembro.

Manaus, 01 de fevereiro de 2006.